

RMS

RAER

Deputado Almino Afonso: Só a Luta Pode Garantir a Defesa Das Liberdades

(TEXTO NA 3ª PÁGINA)



NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA A GUANABARA

ANO III Rio de Janeiro, semana de 23 a 29 de junho de 1961 Nº 120

Milhões de Famílias Ameaçadas: Extinção da Lei do Inquilinato Trará Despejos em Massa

TEXTO NA 6ª PÁGINA

GAGÁRIN: O Romance do Astronauta



DEPARTMENT OF STATE
LIBRARY DIVISION
JUL 7 - 1961
LR FILE COPY
PLEASE RETURN

FALANDO a respeito de dirigentes sindicais egressos, em reunião promovida pela CPOB, o líder do PTB na Câmara Federal, deputado Almino Afonso (foto) advertiu para as ameaças que recaem, hoje, contra as liberdades constitucionais em nosso país e fez um veemente apelo: "É vital para os trabalhadores a manutenção das liberdades. Mas elas têm que ser defendidas através da luta e jamais das capitulações".

Prefeito de Brasília Fala Sobre a Revolução Cubana: Reforma Agrária é Cristã

Texto na 7ª página

A Lição do Recife

Orlando Bomfim Jr.

TERMINOU a greve nas escolas do Recife. Mas, o que aconteceu na capital pernambucana não pode ser enquadrado nos limites de um movimento estudantil local e transitório. Desde que o governo federal começou a agir — intervindo no Estado, violando as garantias individuais asseguradas na Constituição — os acontecimentos adquiriram novo caráter, ultrapassando aquelas fronteiras. A luta reivindicatória dos estudantes já merecia, por si só, a solidariedade de todas as forças progressistas. Não se tratava, entretanto, apenas disso. A democracia estava sendo golpeada. Eram espezinhados direitos que não interessam exclusivamente aos grevistas, mas a todos os cidadãos. Urgia defendê-los. O futuro da luta emancipadora de nosso povo entrava em jogo, pois essa luta está intimamente ligada à defesa, consolidação e ampliação das liberdades democráticas.

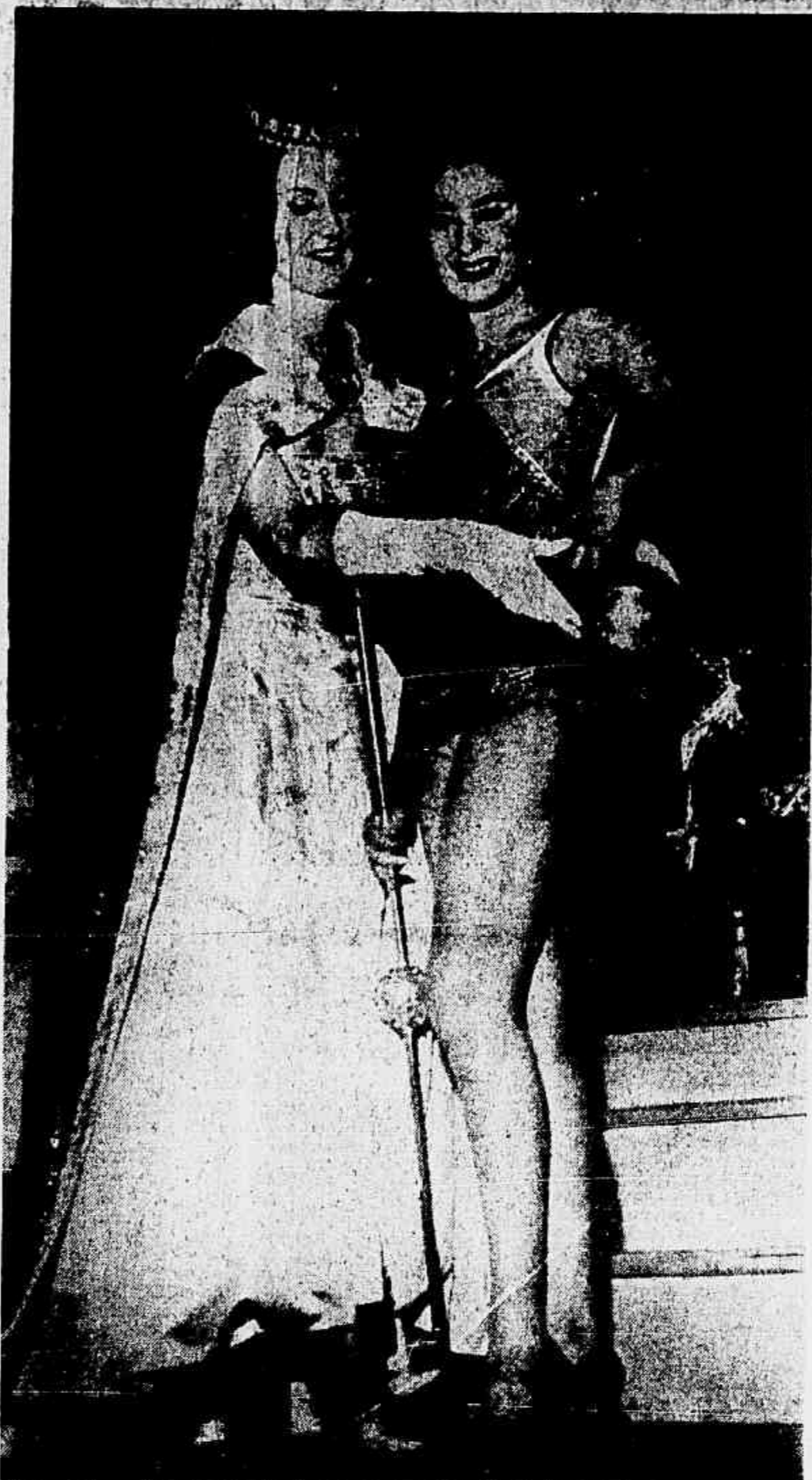
CREMOS que esse entendimento não se tornou evidente, com a rapidez exigida, para todos os setores nacionalistas da opinião pública. Tanto assim que as manifestações de apoio aos estudantes e de condenação às arbitrariedades do governo, embora tenham barrado a ofensiva reacionária, não alcançaram a amplitude e o vigor necessários. Houve, não há porque negar, certa injustificável passividade. Para alguns, a ameaça — que existe mas não era, no momento, o fator preponderante — de um golpe de direita transformou-se em justificativa a que se ficasse de braços cruzados diante de flagrantes violações da Constituição pelo sr. Jânio Quadros. Mas, o caminho seguro de se lutar contra o golpismo reacionário não pode ser outro senão o da luta de massas pela defesa e fortalecimento da democracia. E essa luta foi agora colocada mais destacadamente na ordem-do-dia pelos próprios acontecimentos do Recife.

TAL lição não deve ser esquecida. E nós, comunistas, de modo particular, não temos nenhuma razão para nos deixar surpreender pelos fatos. Na análise feita, em março, do discurso de posse do sr. Jânio Quadros, já se salientava que nele o presidente da República, traçando uma política baseada na exigência de maiores sacrifícios para o povo, deixava clara a ameaça de repressão aos movimentos pelas reivindicações populares. "Não se deve, por conse-

quinte, alimentar ilusões — prosseguia a análise — em relação à essência da política do sr. Jânio Quadros, quando ele próprio se manifesta disposto a cumprir os compromissos que contraiu com as forças ligadas ao imperialismo e ao latifúndio".

HOJE, decorridos três meses, não estamos apenas frente a um discurso e a uma previsão, mas a acontecimentos concretos. E os acontecimentos confirmam tanto o discurso como a previsão. Isso não significa, evidentemente, que devam ser postos de lado aspectos positivos da política externa do governo. Nada disso. Seria inconcebível a sua "abandonação" das relações comerciais e diplomáticas com os países socialistas e a defesa da autodeterminação de Cuba porque o sr. Jânio Quadros também se pronuncia nesse sentido. Ao contrário, só existem motivos para que as campanhas por esses objetivos sejam intensificadas. Mas os aspectos positivos — e note-se que se trata apenas de aspectos — da política externa do governo não devem de modo algum servir de biombo à essência da política, que é reacionária, que se choca com os interesses do povo e da nação.

O QUE ocorreu em Pernambuco deve ser entendido como uma advertência aos desavisados. O sr. Jânio Quadros insiste em aplicar sua política econômico-financeira. Insiste em continuar a seguir a orientação do Fundo Monetário Internacional. Tornam-se mais sensíveis, cada dia que passa, as consequências desastrosas dessa política. São atingidos não apenas os trabalhadores, que suportam a maior carga, mas igualmente outros setores da população, também contrariados em seus interesses, como os pequenos e médios comerciantes e industriais, sufocados pelas restrições do crédito. Não há dúvida de que a resistência a essa política tende a ampliar-se, ampliando-se, da mesma forma, as condições de luta contra ela. O governo, que terá de enfrentar a crescente oposição de nosso povo, já se mostrou disposto a recorrer ao arbítrio e à violência. Por isso mesmo, essa oposição, para tornar-se vitoriosa, deverá ser acompanhada de uma defesa permanente, enérgica e decidida, das liberdades democráticas e dos direitos constitucionais.



YURI GAGÁRIN, o primeiro cosmonauta, começa hoje a contar a sua vida. Através da série que **NOVOS RUMOS** inicia neste número, na sua 8ª página, o público brasileiro conhecerá melhor aquele que entusiasmou o mundo e passou a ser uma figura querida depois da notável façanha realizada no dia 12 de abril. Quem é Yuri? De onde veio? O que foi sua vida? Tudo isso está dito no seu relato simples e comovente, que vai do dia em que menino, na sua aldeia de Smolensk, viu as hordas nazistas serem esmagadas até o dia em que, no interior da nave espacial «Oriente», desceu suavemente nos campos da Sibéria.

HOJE: "CUBA, LIBERTAÇÃO E SOCIALISMO"

Com o patrocínio de NOVOS RUMOS, o escritor Almir Matos realizará — hoje, quinta-feira, às 19 horas, no Edifício Glória, rua Francisco Serpador, 21, sala 303 — uma conferência sobre o tema «Cuba, libertação e socialismo».

A palestra, que versará sobre os palpitantes temas da atualidade da ilha onde pela primeira vez o socialismo se instala no continente americano, será seguida de debates entre o conferencista e os presentes que tenham dúvidas a dirimir.

Na oportunidade, nosso companheiro Almir Matos autografará seu recente livro «Cuba: A Revolução na América».

A mais bela brasileira veio de Caratinga

UM JURI de cerca de trinta mil pessoas indicou, dia 17, a mineirinha que vai defender, em Miami Beach, o prestígio da beleza da mulher brasileira, em mais uma tentativa de trazer para a nossa terra a coroa de «Miss» Universo. Stael Maria da Rocha Abelha conseguiu, pela primeira vez na história do concurso de «Miss» Brasil, estabelecer a unidade entre a multidão assistente e o júri oficial, unidade delineada no desfile em traje de gala e definitivamente selada quando surgiu de «maillot» na passarela do Maracanãzinho. Não se pode dizer que a escolha tenha sido fácil, apesar disso. As vinte e duas moças que se apresentaram representando os Estados e o Distrito Federal figuraram com grande destaque em qualquer desfile, em qualquer parte do mundo.

Na foto, o momento em que Stael recebia de Gina McPherson, sua antecessora, a faixa de «Miss» Brasil 1961.

Estudo marxista sobre a revolução cubana

Art. de Mário Alves na 4ª pág.

Kennedy revive o maccarthismo

Texto na 7ª pág.

Brizola: rever relações Brasil-EUA

Texto na 5ª pág.

Marxismo e Utopia Reacionária

Art. na 3ª pág. Jacob Gorender

Enquadramento Dos Marítimos: Entre 16 e 54 Mil Cruzeiros

O DARP considerou impossível o enquadramento dos trabalhadores do mar no Plano de Classificação, sem que fossem direitos já adquiridos pela classe. Esse fato levou a que os líderes marítimos, baseados em leis que outorgam ao presidente da República competência para fixar os vencimentos e salários dos dirigentes e em-

pregados autárquicos elaborassem um projeto de enquadramento especial, levando em conta as peculiaridades de cada categoria profissional, situando-a com vencimentos básicos de 16 a 54 mil cruzeiros mensais.

A guisa de colaboração com as autoridades, os líderes marítimos elaboraram ainda uma minuta de decreto, acompanhada de uma exposição de motivos. Essa minuta foi aprovada pelos trabalhadores do mar, em assembleias realizadas em todo o país e será levada, nos próximos dias, à aprovação do presidente da República.

Considerando a necessidade de se reorganizar o sistema salarial dos empregados das empresas de navegação marítima pertencentes ao Patrimônio Nacional, e da outras providências: O presidente da República, usando da atribuição que lhe é conferida pelo Item I do Artigo 87 da Constituição Federal e, em nome do Brasil, no dia 15 de novembro de 1948, Artigo 56 da Lei 3.780, de 12 de julho de 1960 e Artigo 13 da Lei 3.826, de 23 de novembro de 1960.

III — Pessoal de Estaleiro, Diques, Oficinas e Serviços Auxiliares.

Art. 3º. — Os salários do pessoal classificados nos três (3) Grupos relacionados no Artigo anterior passam a vigorar de acordo com as seguintes tabelas:

- I — Grupo Pessoal Marítimo:
 - a) Comandante, Cr\$ 54.000,00.
 - b) — Imediato, 1º. Maquinista, 1º. Comissário e Médico Cr\$ 36.000,00.
 - c) — 1º. Piloto, 2º. Maquinista, 1º. Radiotelegrafista, 2º. Comissário e Piloto da Costa Cr\$ 33.000,00.
 - d) — 2º. Piloto, 3º. Maquinista, 2º. Radiotelegrafista, 3º. Comissário, Conferente e Mestre de Pequena Cabotagem Cr\$ 30.000,00.
 - e) — Enfermeiro, Carpinteiro, Contra-mestre, 2º. Condutores-Maquinista, 2º. Condutores-Motorista, Arrais, Escrivão, Eletricista e Mecânico Cr\$ 27.500,00.
 - f) — Cozinheiro Cr\$ 25.000,00.
 - g) — Marinheiro, Foguista, 2º. Cozinheiro e Padeiro Cr\$ 23.000,00.
 - h) — Moço, Carvoeiro, 3º. Cozinheiro, Talheiro e Camareira Cr\$ 21.000,00.
 - i) — Ajudante de Cozinha Cr\$ 19.000,00.
- II e III Grupos

Pessoal de Escritórios, Agências, Armazéns, Trapiches, Depósitos e Serviços Auxiliares: Pessoal de Estaleiros, Diques, Oficinas e Serviços Auxiliares.

LAVRADORES SE PREPARAM PARA O I CONGRESSO PELA REFORMA AGRÁRIA NO PAÍS

A Comissão Organizadora do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil lançou um apelo a todos os trabalhadores do campo convocando-os a realizarem assembleias, conferências e reuniões para eleger os seus representantes ao grande conclave que se realizará em outubro próximo, em Belo Horizonte.

tados, bem como no âmbito nacional, como condição indispensável para a conquista de uma reforma agrária democrática e da extensão dos direitos trabalhistas aos homens do campo.

O DOCUMENTO

É o seguinte o texto integral do documento: "Aos lavradores e trabalhadores agrícolas: A classe operária e a todos os cidadãos brasileiros! O desenvolvimento econômico e social do Brasil exige a solução de sua questão

agrária. Milhões de brasileiros sem terra trabalham nos campos, enfrentando, sobre tudo dentro das grandes propriedades agrícolas, enormes dificuldades, trabalhando nas duras condições do alto preço do arrendamento, da parceria, da falta de assistência técnica e financeira, da perseguição movida aos possesores, dos baixos salários e com as liberdades mais elementares do cidadão restringidas. Essa grande massa de trabalhadores quase não pode comprar os gêneros mais essenciais à vida de suas famílias. Dado este estado de coisas, a produção de artigos para alimentação do povo, nas cidades e nos campos, não corresponde às necessidades, contribuindo, decisivamente, para a terrível carestia que assola o país, de norte a sul. Por sua vez, as pessoas que vivem e labutam nas lavouras, representando a maioria da população brasileira, pouco podem consumir dos produtos industriais, constituindo assim, um dos mais sérios obstáculos ao progresso da indústria nacional.

Apesar de vir crescendo a organização dos trabalhadores agrícolas e dos lavradores sem terra, ela ainda não é suficientemente forte para lhes garantir o usufruto dos direitos já consagrados na Constituição Federal, na Consolidação das Leis do Trabalho e em outras leis. Pouco organizados e dispersos pela imensa vastidão do país, também sofrem pela falta de medidas governamentais que defendam a sua saúde e que dêem instrução a seus filhos. Frequentemente vêm-se submetidos à perseguição tanto dos poderes governamentais como dos grandes proprietários rurais, quando procuram formar suas organizações ou desenvolver suas lutas.

Certos de que a solução desses problemas depende, principalmente, da mobilização e organização dos camponeses, inclusive dos pequenos e médios proprietários de terras, os signatários deste manifesto, se constituem na comissão organizadora e convocam o 1º Congresso Nacional de Trabalhadores Agrícolas, a ser realizado em Belo Horizonte, de 1º a 3 de outubro de 1961, com a seguinte Ordem-do-Dia:

- 1º. — Soluções para a questão agrária no Brasil.
 - 2º. — Elaboração de um Programa de Reivindicações e dos Direitos dos Camponeses.
- Nesse Congresso Nacional, as delegações, camponesas e todos os seus participantes discutirão questões importantes como a Reforma Agrária, a defesa dos direitos dos posseiros, a baixa do arrendamento, melhores salários e contratos e uma Legislação Social adequada ao meio rural, entre outras.
- Para o maior êxito desse conclave, apelamos para a solidariedade e ajuda efetiva dos trabalhadores da cidade, dos estudantes, dos intelectuais e de todas as pessoas interessadas no progresso de nossa Pátria.
- Conclamamos os lavradores e trabalhadores agrícolas para realizarem assembleias, conferências e reuniões e elegerem suas delegações ao I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas e para nessa oportunidade, tomarem todas as medidas necessárias ao reforçamento das suas organizações nas fazendas, distritos e municípios, nos Estados e em âmbito nacional, condição indispensável para a conquista de uma reforma agrária democrática e da extensão dos direitos trabalhistas ao campo.
- Para adesões e informações, dirigir-se à Comissão Organizadora à Avenida Afonso Pena, 807, 10º andar, sala 1001, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Tudo pelo êxito do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas! BELO HORIZONTE, MAIO DE 1961.

Padrão O e Referência 30	Cr\$ 36.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 33.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 30.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 27.500,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 25.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 23.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 21.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 19.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 18.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 17.000,00
" " " " " " " " " " " "	Cr\$ 16.000,00

Mobilização Dos Bancários Assegura Autonomia do IAPB

O presidente da República declarou a uma comissão de líderes bancários que o governo não tem motivos para intervir no IAPB, uma vez que essa instituição vem cumprindo as leis e regulamentos a que está sujeita. A declaração foi feita em São Paulo, no Palácio do Horto Florestal, a uma comissão composta dos dirigentes da Confederação Nacional dos Bancários e oito Federações.

reunião extraordinária no Estado da Guanabara, no dia 14 último, e colocou os líderes bancários a par dos rumores que davam conta das medidas intervencionistas. Logo depois os líderes sindicais dirigiram-se ao ministro do Trabalho, em companhia do sr. Dante Pelacani, do DNPS, para se inteirarem da situação. O ministro declarou, na oportunidade, que o governo não tinha nenhum esquema de intervenção nos Institutos, e que "desconhecia qualquer motivo que justificasse uma intervenção no IAPB". Na mesma oportunidade, o ministro Castro Neves prontificou-se a promover o encontro dos líderes bancários com o presidente Jânio Quadros. O encontro verificou-se na última quinta-feira.

NOTA DA CONTEC

A propósito desse encontro, a CONTEC distribuiu uma comunicação aos seus filiados, na qual salienta: "Recebendo a delegação dos dirigentes sindicais desta Confederação, suas Federações filiadas e Sindicatos presentes, o sr. presidente da República declarou-se interessado em combater os nossos problemas e, quando esclarecido de nossa preocupação quanto aos rumores intervencionistas, declarou que não havia motivos para intervenção no IAPB, já que aquela instituição vinha cumprindo a lei e os regulamentos a que está sujeita".

Mais adiante a nota da CONTEC assinala que "mais uma vez ficou constatada a justiça da rápida mobilização da classe bancária na defesa dos seus interesses. Sabemos que apesar dos propósitos manifestados pelo governo, não faltarão forças políticas e apetites contrariados para buscar, na mistificação, nos artifícios e nos mais diversos recursos, a modificação do ponto-de-vista governamental".

A nota termina com uma conclamação aos bancários para que se mantenham vigilantes e mobilizados na defesa das resoluções adotadas na II Convenção Nacional — a autonomia do Conselho de Administração do IAPB.

Os representantes dos 46 sindicatos filiados à Federação Nacional dos Portuários encontram-se reunidos no Estado da Guanabara, desde o dia 19 último, debatendo as principais reivindicações dos conferentes e consertadores de carga, portuários, vigias e descartadores. A reunião, que terminará no dia 23 do corrente, tem na pauta das discussões, entre outras as seguintes questões: férias em dobro, gratificação de Natal, férias remuneradas, quinquênios, material de proteção, aumento salarial, preparação do II Congresso Nacional dos Portuários e fixação das bases para pacto de unidade de ação entre portuários e estivadores. Na foto, um aspecto da reunião.



Portuários de todo o país reunidos na Guanabara

Os representantes dos 46 sindicatos filiados à Federação Nacional dos Portuários encontram-se reunidos no Estado da Guanabara, desde o dia 19 último, debatendo as principais reivindicações dos conferentes e consertadores de carga, portuários, vigias e descartadores. A reunião, que terminará no dia 23 do corrente, tem na pauta das discussões, entre outras as seguintes questões: férias em dobro, gratificação de Natal, férias remuneradas, quinquênios, material de proteção, aumento salarial, preparação do II Congresso Nacional dos Portuários e fixação das bases para pacto de unidade de ação entre portuários e estivadores. Na foto, um aspecto da reunião.

Os representantes dos 46 sindicatos filiados à Federação Nacional dos Portuários encontram-se reunidos no Estado da Guanabara, desde o dia 19 último, debatendo as principais reivindicações dos conferentes e consertadores de carga, portuários, vigias e descartadores. A reunião, que terminará no dia 23 do corrente, tem na pauta das discussões, entre outras as seguintes questões: férias em dobro, gratificação de Natal, férias remuneradas, quinquênios, material de proteção, aumento salarial, preparação do II Congresso Nacional dos Portuários e fixação das bases para pacto de unidade de ação entre portuários e estivadores. Na foto, um aspecto da reunião.

São Paulo: Encontro Dos Amigos de Cuba

Íntimos parlamentares, intelectuais e dirigentes sindicais e estudantis paulistas, estão organizando um Encontro Estadual dos Amigos de Cuba, através do qual o povo de São Paulo irá mais uma vez demonstrar sua solidariedade à primeira república socialista da América. Publicamos abaixo a íntegra da convocação do encontro:

CONVOCAÇÃO

O povo de São Paulo vem manifestando, pelas mais variadas formas, solidariedade a seus irmãos de Cuba, notadamente no que diz respeito à sua autodeterminação. Este princípio, em um país subdesenvolvido não pode deixar de compreender o direito do seu povo a libertar-se de forças monopolistas estrangeiras.

A intervenção armada contra Cuba constitui um ato de agressão aberta àquele País, que mereceu a repulsa esmagadora da maioria dos brasileiros. E ainda agora, o governo norte-americano procura comprometer os governos dos países latino-americanos, numa atitude contrária à revolução cubana, com o objetivo claro de criar ambiente para nova invasão.

Compreendendo a necessidade de coordenar as forças que, em nosso Estado, se batem pelo direito de Cuba escolher seu próprio caminho e que repellem as agressões de que vem sendo vítima esse país, convocamos para os dias 1 e 2 de julho próximo o "Encontro Estadual dos Amigos de Cuba", a realizar-se nesta Capital.

NOVOS RUMOS

Director Mário Alves

Director Executivo Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe Framon Borges

Gerente Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar S/1112 — Tel: 42-7314

Gerência: Av. Rio Branco 257, 9º andar S/905

SECURAL DE S. PAULO Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar — S/827 Tel: 31-4384

Endereços telegráficos: "NOVOSRUMOS" ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 500,00
Semestral	250,00
Trimestral	130,00
Aérea anual, mais	200,00
Aérea semestral, mais	100,00
Aérea trimestral, mais	50,00
Número avulso	10,00
Número atrasado	15,00

Santos: Protesto Contra Ato da Justiça do Trabalho do Paraná

SANTOS, junho (do Correspondente) — Através de manifesto assinado pelos dirigentes sindicais do importante porto paulista, os trabalhadores daquela cidade manifestaram seu repúdio ao ato de violação dos princípios da liberdade sindical, praticados pelo presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Curitiba, quando deferiu requerimento solicitando "atestado de ideologia" contra o dirigente sindical.

Ademais, os dirigentes sindicais e de pensamento, asseguradas pela Constituição da República e pelas leis trabalhistas vigentes, representa, outrossim, inominável tentativa de transformar o juízo trabalhista, órgão do Poder Judiciário Federal, em simples repartição policial, a serviço da classe patronal, contra os supremos direitos e interesses dos trabalhadores e de seus dirigentes".

Tudo pelo êxito do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas! BELO HORIZONTE, MAIO DE 1961.

N. A. (LONDRINA — ESTADO DO PARANÁ)

Defensor da Justiça

Everaldo Martins

O consulente, que é dirigente sindical, secretário do Sindicato da categoria a que pertence, foi despedido — segundo alega — sem que tenha dado motivo, e somente em virtude da atividade que exerce. Nestas circunstâncias, pode o patrão despedi-lo?

— Tenho que, além de inotivada, a despedida foi ilegal. O patrão tem o direito de despedir empregado não estável, quando bem entendido. Pagará indenização e Aviso Prévio quando a dispensa for injusta. E ficará isento deste pagamento se o empregado tiver incorrido em qualquer das faltas previstas no art. 482 da Consolidação das Leis do Trabalho. Sendo estável o empregado, entretanto, a rescisão do contrato só é válida em dois casos, a saber: — a) — Quando o empregado cometer falta e esta falta resultar apurada em inquérito judicial, julgado procedente. Então, com autorização da Justiça, o contrato será desfeito. b) — Quando empregado e empregador concordarem, amigavelmente, com a rescisão do contrato, preenchidas as formalidades previstas no art. 500 da Consolidação. — assistência do Sindicato e, à falta de Sindicato, homologação da autoridade local competente do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio ou da Justiça do Trabalho.

O consulente, secretário do Sindicato representativo da categoria profissional a que pertence, é provisoriamente estável, até quando perdurar a investigação, de acordo com o art. 543 da Consolidação das Leis do Trabalho, que dispõe: "O empregado eleito para cargo de administração sindical ou representação profissional não poderá, por motivo de serviço, ser impedido do exercício de suas funções, nem transferido sem causa justificada, a Juízo do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, para lugar ou mister que lhe dificulte ou torne impossível o desempenho da comissão ou do mandato: Com efeito, despedir o empregado, em razão apenas de sua qualidade de dirigente sindical, é impedir o exercício de suas funções, pondo entraves ao livre desenvolvimento da entidade.

Os Tribunais do Trabalho, em pronunciamentos expressivos, têm sufragado a tese de que o empregado exercendo cargo de administração sindical é provisoriamente estável, durante o período da investigação, sendo legal a dispensa, e determinando a sua reintegração nas funções anteriormente ocupadas e condenando a empresa ao pagamento do salário a que teria jus, se estivesse normalmente trabalhando.

O consulente, pois, deve dirigir-se à Justiça do Trabalho, pedindo a sua reintegração, bem como os salários. O Supremo Tribunal Federal, julgando hipóteses semelhantes, entendeu que: "Entendeu o Tribunal Superior do Trabalho que a mera indenização ao empregado exercendo de mandato sindical, com a continuação de multa quando dispensado injustamente, frustraria o propósito da proteção visada pelo legislador e anularia o amparo por ele pretendido, por isso que à indenização farão jus quaisquer empregados e a imposição de multa, por sua exiguidade, não impediria a violação da lei. E' incensurável a restrição que assim entende. O empregado ocupante de cargo de administração sindical não pode, por motivo de serviço ser impedido do exercício de suas funções, nem sequer transferido sem causa justificada. A decisão recorrida, deferindo a reintegração do reclamante, não violou o § 3º do art. 543 da Consolidação Trabalhista (Rec. Ext. 31.676). Rel.: Ministro Moita Filho, publicado em audiência de 28-5-1957, in Dicionário de Decisões Trabalhista, B. Calheiros Bonfim, ed. de 1959, pag. 67

Terror em Penápolis: deputado agredido por capangas de usineiro quando defendia trabalhadores

São Paulo, junho (da Sucessora) — O deputado estadual Luciano Lepera foi evidentemente agredido em Penápolis, nos escritórios da Usina Campestre, quando lá se encontrava em companhia de dirigentes sindicais, vereadores e um representante da DRT paulista para tentar solucionar um conflito trabalhista que opunha os assalariados à empresa.

Na manhã do dia 20, conforme fora decidido logo após a chegada da delegação à cidade, realizou-se um encontro na sede da Usina, do qual participaram os membros da delegação, representantes dos trabalhadores e os diretores da empresa. Estes, apesar de todos os esforços realizados pelos dirigentes sindicais, pelo representante da Delegacia Regional do Trabalho e pelo deputado Luciano Lepera, negaram-se terminantemente a atender aos apelos formulados e recusaram qualquer proposta no sentido de atender as exigências mínimas dos trabalhadores. A reunião fracassou.

ORIGENS

Quando a comissão se retirava dos escritórios da Usina, os indivíduos Haroldo M. de Melo e Lázaro Rocha convidaram o deputado Luciano Lepera a acompanhar os membros da delegação, pretendendo um entendimento reservado com o parlamentar para encontrar uma saída para o impasse criado durante a reunião. Este aceitou e se encaminharam para o local que seria o palco da agressão.

A AGRESSÃO

Na sala, logo após a sua entrada, fechada a porta, o deputado foi agredido covardemente, pelas costas, pelo indivíduo Haroldo. Este lhe aplicou um violento murro e pontapés, seguidos de uma investida semelhante de Lázaro. Quando o parlamentar reagiu contra os agressores, um outro funcionário da empresa surgiu e, agarrando-o, permitiu que Haroldo e Lázaro prosseguissem no "trabalho" que haviam minuciosamente planejado. O deputado foi atirado ao chão e pisoteado pelos criminosos que se atiraram a ele com fúria animal.

Depois de alguns minutos de bárbaro espancamento, Luciano Lepera foi levado pelos agressores à presença dos outros membros da delegação que o esperavam e que, estarrecidos, viram o deputado surgir da sala, roupas rasgadas e faces ensanguantadas.

COM OS TRABALHADORES

Consumada a violência, os agressores fugiram.

A notícia do espancamento, praticado com o objetivo de amedrontar os trabalhadores, correu a cidade e logo se registrarão as primeiras manifestações de protesto, surgidas de todos os círculos. Na noite do dia 20 realizou-se em Penápolis, promovido por trabalhadores e estudantes, um grande comício de protesto e desagravo contra o bárbaro agressão sofrida pelo parlamentar petebista. Milhares de pessoas compareceram à reunião e manifestaram sua decisão de recu-

Só Com a Luta é Possível Defender Marxismo e Utopia Reacionária a Constituição e as Liberdades

Jacob Gorender

O debate promovido pela Comissão Permanente das Organizações Sindicais, na última terça-feira, com o deputado Almino Afonso, líder do PTB na Câmara Federal, foi uma oportunidade para que os trabalhadores cariocas definissem com clareza a sua posição em face do atual momento político e das tentativas de implantação de uma ditadura reacionária em nosso país.

A reunião — realizada na noite do dia 20, no auditório superlotado da ABI — foi uma iniciativa da CPOS, que na ocasião lançou também uma Proclamação aos Trabalhadores da Guanabara, conclamando-os a defender, por todos os meios, as liberdades democráticas. A Proclamação foi lida pelo dirigente sindical Roberto Moreira.

GREVE DO RECIFE

Antes de falar o deputado Almino Afonso, usaram da palavra os presidentes da União Nacional dos Estudantes e da União Brasileira dos Estudantes Secundários, estudantes Olivieiros Guanais e Jarbas Santana. Referiram-se ambos aos acontecimentos do Recife, denunciando com vigor o fato de uma simples greve estudantil, liderada por diretores de tendência acientemente conservadora, ter sido utilizada pelos círculos reacionários para uma tentativa de gol-

pe contra a Constituição e as liberdades democráticas. — "O que houve no Recife — declarou o presidente da UNE — foi uma greve puramente estudantil, como tantas outras já realizadas no Brasil. O que os nossos colegas do Recife reivindicavam eram medidas moralizadoras, que nassem os inícríveis abusos que vinham ocorrendo na Faculdade de Direito e na Universidade Rural. O próprio ministro da Educação, logo ao chegar ao Recife, manifestou-se surpreso com as proporções que se pretendia dar ao movimento e declarou que entregaria o seu posto se as tropas fossem lançadas contra os estudantes. Depois, entretanto, de falar com Brasília, passou a justificar e defender todas as monstruosas violências cometidas na capital pernambucana. Vimos, então, claramente, que estavam diante de um plano golpista, para o qual se pretendia explorar a greve do Recife como um pretexto".

Guanais e Santana, que falou em seguida, ressaltaram a necessidade de os estudantes, juntamente com os trabalhadores e todas as demais forças democráticas, resistirem vigorosamente a toda tentativa de implantação de uma ditadura no país.

ALMINO AFONSO

O líder trabalhista Almino Afonso, cujo discurso foi

várias vezes interrompido por entusiásticos aplausos, fez um esboço da situação política, destacando: "Existe hoje uma grave ameaça ao regime constitucional. E se a todo o povo cabe o dever de defender as liberdades democráticas ameaçadas, esse dever é principalmente dos trabalhadores, uma vez que é, antes de tudo, contra eles que pesa o perigo. Certos setores das elites dirigentes podem sofrer, eventualmente, com os golpes, mas encontram sempre um terreno de acomodação. Já os trabalhadores, não: se o governo intervém em seus sindicatos, anula o direito de greve e proíbe as suas manifestações, multissímo mais difícil será para os operários a sua luta contra a fome e a esmolação".

"Essa luta — acentua o deputado Almino Afonso — não pode deixar de ser travada pelos trabalhadores, uma vez que a política econômico-financeira do governo leva inevitavelmente a constante rebalço do poder aquisitivo das grandes massas. Sob o pretexto de combater a inflação, mas ao mesmo tempo permitindo que uma minoria obteve lucros fabulosos, o governo põe em prática, em relação aos trabalhadores, uma política de contenção de salários, anunciada pelo presidente da República em sua Mensagem ao Congresso. Delicadamente, por falta de suas necessidades vitais, os trabalhadores têm de reclamar a revisão salarial, indo para isso à luta por suas reivindicações. Se não for barrado o plano golpista, o que acontecerá então, se diante de uma simples greve estudantil o governo promoveu a mobilização militar que ainda há pouco assistimos?"

INTERVENÇÃO

Nessa altura, o líder do PTB tornou pública uma grave denúncia: "Sei que existem no Ministério do Trabalho numerosos processos de intervenção em sindicatos de trabalhadores, sob a alegação de que há em suas diretorias 'influência comunista'. É uma alegação muito velha, mas que fere frontalmente a Constituição, que não só não estabelece distinção ideológica entre os cidadãos brasileiros, mas, ao contrário, assegura a todos o direito de professar qualquer ideologia".

RESISTÊNCIA

Depois de insistir em que as liberdades constitucionais correm, atualmente, sérios riscos, afirmou o deputado Almino Afonso: — "É, possível porém, impedir que os círculos da direita rasguem definitivamente a Constituição. As forças democráticas têm todas as possibilidades de sair vitoriosas nesse embate. Mas para isso é preciso lutar, sem perda de tempo e sem alimentar nenhuma ilusão em quaisquer manobras demagógicas. Nessa si-

tuação não pode haver renúncia. A capitulação é uma política suicida. E preciso resistir a todo atentado. E aos trabalhadores, precisamente, cabe a maior responsabilidade. É vital, absolutamente vital, para os assalariados a preservação das liberdades democráticas, que lhes permitem lutar, dentro da legalidade constitucional, por suas reivindicações e seus direitos. Assim como é vital, absolutamente vital, o regime de liberdades para que possa ser assegurado um desenvolvimento econômico independente de nosso país".

NÃO VER NOMES

O deputado Almino Afonso advertiu os dirigentes sindicais, em termos veementes, para a necessidade de ter a classe operária a sua própria política, sem se deixar arrastar por nomes. "Os trabalhadores não podem ser janistas ou antijanistas, juscelistas ou anti-juscelistas, jangustas ou anti-jangustas. Devem ter a sua própria política e formular com toda clareza as reivindicações que melhor correspondam aos seus interesses e aos da Nação".

"Não seria o caso — sugere o conferencista — de nesse momento, quando o governo do sr. Jânio Quadros faz tamanho alarde com os favores obtidos na Europa Ocidental, os trabalhadores exigirem a imediata cessação das remessas de lucros, juros e 'royalties' para o estrangeiro, que somaram, só no ano passado, cerca de 450 milhões de dólares. Não seria o caso — disse ainda — quando tanto se fala na

democracia, liberdade e respeito aos direitos constitucionais, é que os trabalhadores e o povo, podem reivindicar seus direitos. Diante desses acontecimentos e para que não se replam e nem se ameace as liberdades democráticas, a inviabilidade das organizações sindicais e populares, os órgãos de imprensa e estações de rádio e televisão, para que se assegure, de fato, o direito de reunião e organização e o sagrado direito de greve, nós, reunidos na Associação Brasileira de Imprensa, nos dirigimos a todo o povo, aos trabalhadores, às organizações sindicais e populares, aos parlamentares e aos partidos políticos, para que manuseem vigilante em defesa de todas as prerrogativas constitucionais, da integridade e da autonomia das organizações sindicais e populares, devendo nos manter coesos em torno da legalidade democrática.

CID CAPITULO

Um exemplo de renúncia disse o sr. Almino Afonso, foi a atitude assumida pelo governador de Pernambuco, sr. Cid Sampaio, durante os recentes acontecimentos do Recife. A verdade é que Pernambuco esteve vários dias sob uma aberta intervenção, com a sua capital ocupada por forças do Exército. E o sr. Cid Sampaio não teve uma palavra sequer de protesto, nem mesmo de estranhamento, apesar de todas as violências cometidas, inclusive a prisão de um dos secretários da Prefeitura do Recife".

CONSCIÊNCIA E LUTA

O deputado Almino Afonso terminou a sua conferência renovando o apelo que fizera de início aos trabalhadores. "A defesa das liberdades democráticas — disse — é uma tarefa de vital importância sobretudo para o movimento sindical. É indispensável e urgente que se multipliquem por todo o país reuniões desse tipo, a fim de que se forme nacionalmente uma clara consciência das ameaças antidemocráticas, partidárias de elementos de dentro e de fora do governo, e assim possa todo o povo oferecer a resistência pronta e enérgica que se impõe".

Trabalhadores exigem respeito à legalidade

À seguinte o texto da Proclamação lida no ato da ABI:

"As medidas repressivas contra os estudantes e trabalhadores, em Recife e outras cidades do Nordeste, tomadas pelo Governo da República, com a invasão de escolas, sedes sindicais e prisão de estudantes, trabalhadores, dirigentes sindicais e políticos; ocupação de redações de jornais e suspensão de sua circulação, precedida de censura a estações de rádio, como a do 'Jornal do Brasil', serviram de advertência para o país e o povo brasileiro. Todos, em nosso país, sentiram a necessidade de lutar contra a coação e o cerceamento das liberdades públicas e a violação dos princípios e garantias constitucionais. Os protestos contra o arbítrio e a violência ali praticadas e a solidariedade dos estudantes e trabalhadores de Recife, constituíram atos que asseguraram a continuidade da ação unitária de todo o povo em defesa e manutenção de um clima de democracia e liberdade. Somente, com

democracia, liberdade e respeito aos direitos constitucionais, é que os trabalhadores e o povo, podem reivindicar seus direitos.

Diante desses acontecimentos e para que não se replam e nem se ameace as liberdades democráticas, a inviabilidade das organizações sindicais e populares, os órgãos de imprensa e estações de rádio e televisão, para que se assegure, de fato, o direito de reunião e organização e o sagrado direito de greve, nós, reunidos na Associação Brasileira de Imprensa, nos dirigimos a todo o povo, aos trabalhadores, às organizações sindicais e populares, aos parlamentares e aos partidos políticos, para que manuseem vigilante em defesa de todas as prerrogativas constitucionais, da integridade e da autonomia das organizações sindicais e populares, devendo nos manter coesos em torno da legalidade democrática.

Rio de Janeiro, 20 de junho de 1961. A Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara."

Terror em Penápolis...

(Conclusão da 2ª pág.)
param da manifestação, solidarizando-se com o deputado e louvando sua ação em defesa dos interesses dos assalariados oprimidos pelo regime de trabalho verdadeiramente escravo a que estão submetidos na Usina Campestre.

NA ASSEMBLEIA

Em São Paulo, na Assembleia Legislativa, as ocorrências de Panápolis foram objeto de discursos, proferidos por diversos parlamentares. O deputado Rômulo Mendes Filho foi o primeiro a informar à Casa sobre a agressão de que fora vítima o deputado Luciano Lepera, seguindo-se a ele discursos dos deputados Cid Franco, que propôs ao plenário que exigisse da Secretaria da Segurança que o inquérito sobre os fatos fosse realizado pela polícia da capital; Hilário Torioni, que recomendou à Assembleia designar um advogado de sua confiança para acompanhar o processo; Cláudio Albuquerque, que pediu a organização de uma Comissão Parlamentar e a sua ida imediata à Penápolis, a fim de prestar solidariedade ao deputado, e Miguel Jorge Nicolau, que acentuou a violação cometida pelos representantes da Usina contra as imunidades

do parlamentar e contra a própria Assembleia.

A Mesa da Assembleia, através de providências do seu presidente, Abreu Sodré, e da vice-presidente Conceição da Costa Neves, tomou providências imediatas para assegurar a realização das medidas propostas pelos deputados. Assim, um avião foi requisitado para transportar a Penápolis os membros da Comissão Parlamentar (o que se deu no próprio dia 20), além do que a Mesa entrou em contato com a Secretaria da Segurança Pública e a Promotoria da comarca de Penápolis, para garantir a realização de um inquérito capaz de levar à punição dos culpados.

As medidas adotadas pela Assembleia e a sugestão do deputado Cid Franco de se entregar o comando do inquérito a uma autoridade policial da capital são perfeitamente coerentes, já que o delegado de Polícia de Penápolis, Rubens Cardoso Machado, é conhecido e o do serviço da Usina Campestre e tem praticado numerosos atos de violência contra trabalhadores daquela empresa que protestavam contra as injustiças que se cometiam aos mesmos. O deputado Luciano Lepera continua a receber manifestações de solidariedade de todo o Estado.

Nota Econômica

Josué Almeida

Em termos históricos, é verdadeiramente espantosa a rapidez com que se vem operando o processo de passagem da humanidade do capitalismo para o socialismo. Na produção dos bens materiais, que é a esfera mais importante e a decisiva das atividades humanas, os progressos contínuos realizados pelo sistema socialista fazem prever para dentro de poucos anos um momento culminante na história: aquele em que os países socialistas estarão lançando mais de metade da produção industrial de todo o mundo. Em 1960, segundo cálculos feitos por economistas, a produção industrial do campo socialista já atingiu os 36% do total mundial. Dados os ritmos de desenvolvimento dos países socialistas, incomparavelmente mais rápidos que os dos países capitalistas, apenas poucos anos mais serão precisos para que seja coberta a atual distância que nesse particular separa os dois campos.

Esse fenômeno assume evidência maior numa comparação entre as economias dos dois países líderes dos dois campos — os Estados Unidos e a União Soviética. Em 1960, a produção industrial da URSS constituiu-se em cerca de 60 por cento da norte-americana, enquanto em 1950 não ia além de 30%. Sucede que a década de 1950, principalmente na primeira metade, foi bastante favorável à economia norte-americana e que muito diversas são as perspectivas dos próximos anos, em decorrência de uma série de fatores: ampliação insuficiente do mercado interno norte-americano devido à elevada taxa de desemprego, diminuição da participação relativa dos Estados Unidos no mercado internacional, etc., enfim, fenômenos característicos da atual etapa da crise geral do sistema capitalista. Em consequência, a indústria norte-americana, com uma capacidade de produção superior à da URSS, vê-se forçada a deixar ociosa, sem utilização grande parte dessa capacidade.

A URSS, pelo contrário, vem expandindo sua produção a ritmos elevados e regulares, a uma média de 10% aproximadamente ao ano, contra apenas 2,5%, que é a média americana nos últimos três anos. De tal maneira, a economia soviética, crescendo quatro vezes mais depressa do que a norte-americana, deverá alcançá-la dentro de quatro ou cinco anos.

Capitalismo, socialismo e subdesenvolvidos

À luz desse processo que também se deve compreender o subitâneo interesse manifestado pelos países capitalistas desenvolvidos em "ajudar" os subdesenvolvidos. A propósito desse assunto, o líder polonês V. Gomulka, escreve (Ver NR, nº 119): "O problema do desenvolvimento dos países atrasados concentra hoje a atenção de numerosos economistas burgueses e inquieta profundamente os governos dos Estados imperialistas. Como é possível que os Estados imperialistas, para os quais este problema era no passado completamente indiferente, tendo mesmo um interesse em manter esses países num estado de atraso, manifestem atualmente uma profunda inquietação por seu desenvolvimento econômico? É, em seguida, responde: "A razão disso é o temor justificado diante do fato de que, em virtude do ritmo rápido de desenvolvimento dos países do sistema socialista, o estado atual das coisas nos países atrasados do sistema capitalista é uma ameaça de que novos países se desligarão dele sucessivamente".

A recente mensagem enviada por Kennedy ao Congresso dos Estados Unidos, solicitando créditos para a chamada ajuda ao exterior, é uma confirmação das palavras de Gomulka. A certa altura, dirigindo-se aos congressistas que resistem à concessão dos créditos, adverte Kennedy: "Os que são contrários à ajuda econômica e militar devem saber que os comunistas não o são, que está aumentando em grande escala a ajuda que dão aos países pouco desenvolvidos, que já enviaram aquelas regiões uns 8.000 técnicos e que concedem créditos a longo prazo, sem submeter os países que os recebem aos perigos de uma renovação legislativa anual".

Apesar disso, porém, mais realista que o rei, um jornal como "O Estado de S. Paulo", ainda domingo último, escrevia em editorial que a URSS não presta ajuda aos países atrasados e que antes os explora abrindo-lhes créditos a juros de 2,5% (contra 5% e mais cobrados pelos países imperialistas). Na verdade, o que ocorre é que, mesmo naqueles casos em que não presta ajuda direta, pela sua simples existência, a URSS ajuda os países atrasados, fazendo com que os imperialistas se preocupem com eles.



Intercâmbio vantajoso

Não só o intercâmbio comercial é proveitoso para o estabelecimento de relações mais estreitas entre países e povos. O encontro de artistas, intelectuais, desportistas, parlamentares e educadores contribui bastante para que os povos se conheçam. A visita de uma delegação de parlamentares brasileiros, realizada recentemente à Polónia e à URSS, foi mais um elo nessa cadeia de intercâmbio que vai crescendo entre o Brasil e o mundo socialista. Os deputados e senadores brasileiros, convidados pelo parlamento polonês e pelo Soviet Supremo da URSS para a visita, mantiveram nos dois países contatos esreitos com a realidade do mundo socialista, viram de perto como funciona a democracia naqueles países, ao mesmo tempo que informaram sobre o funcionamento das nossas instituições legislativas. Na foto, um grupo de parlamentares brasileiros e suas famílias, entre os quais se destacam os deputados Cláudio Lemos, vice-presidente da Câmara dos Deputados e chefe de delegação brasileira, Nelva Moreira e o senador Gaspar Veloso, quando percorriam os jardins do Kremlin.

forçando não mais apenas para o lucro e o enriquecimento dos capitais de seus patrões, mas também de uma entidade pública que tem participação na empresa e que os beneficia através da assistência que presta" (idem, pág. 55).

"Imagine-se o que se seguiria, mas semelhante proposta nada tem a ver com o marxismo nem com a realidade em que vive a classe operária em nosso país. O problema, que Calo Prado Júnior aborda, só tem solução na luta de classes, mas esta é por ele afastada e substituída por uma utopia reacionária, que pretende "harmonizar" o que não é suscetível de harmonia, porque se prende aos interesses de classe antagônicos da sociedade capitalista. Os trabalhadores não podem tornar-se sócios da burguesia, que os oprime e explora, ou "sócios do desenvolvimento nacional", segundo a fórmula eufêmica antes proposta por outro sociólogo, o prof. Guerreiro Ramos. Neste terreno, a realidade inevitável é a da luta de classes e a partir dela se deve conceber a perspectiva marxista. Esta luta de classes não se exclui, mas permanece necessária, mesmo quando se trata de conseguir ou desenvolver a aliança política dos operários com uma parte da burguesia, ou seja, com a burguesia nacional, tendo por objetivo o combate às várias formas do domínio imperialista.

Convém observar, ademais, que a Constituição Federal, no seu artigo 197, item IV, estabeleceu a "participação obrigatória e direta do trabalhador nos lucros da empresa, nos termos e pela forma que a lei determinar". Calo Prado Júnior dá um passo atrás do texto da Constituição (embora seja letra morta, no caso), ao propor a participação indireta nos lucros da empresa, isto é, através de um fundo entregue ao Estado, o qual se juntaria, sem dúvida, a tantos outros fundos que alimentam a indústria do "bem estar social", em proveito preçoso do enriquecimento de altos funcionários e capitalistas associados.

É incompreensível que Calo Prado Júnior tenha abordado o problema da formação de capitais no Brasil, omitindo inteiramente o fato de que a escassez nacional de capitais deriva, em primeiro lugar, das relações de subordinação imperialista e norte-americana. Na eliminação destas relações de subordinação, o que constitui tarefa da luta de emancipação nacional é que se deve procurar o caminho de um desenvolvimento econômico mais rápido, independente e favorável às grandes massas trabalhadoras. Em outros artigos, inclusive no mais recente, publicado pelo nº 35 da Revista Brasileira, o próprio Calo Prado Júnior tem contribuído — de justiça reconhecer — para o esclarecimento das questões da luta ant imperialista. Como pôde, então, olvidar tais questões, de tão fundamental interesse no momento atual, ao tratar do desenvolvimento econômico e das relações entre o proletariado e a burguesia em nosso país?

No seu entusiasmo pela solução encontrada, Calo Prado Júnior não vacila em afirmar: "Não haveria com isso prejuízo substancial para ninguém. Somente haveria, do lado dos capitalistas, o sacrifício de uma parte dos seus lucros. Mas seria um sacrifício puramente pessoal, e não de suas empresas, que não se veriam privadas dos recursos financeiros que normalmente devem nelas permanecer... Doutra lado, os capitalistas poderão contar com muito mais boa vontade dos seus empregados (sic), quando estes se estiverem

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Notícia-se a articulação de forças políticas em oposição às andanças do sr. Jânio Quadros. Essas forças, constituídas de mais de uma corrente, estão em fase de entendimento. Seu núcleo principal, é a Câmara. Ao mesmo tempo anuncia-se a redação de um manifesto em que são denunciadas as mais recentes violações das liberdades democráticas.

Eis alguns dos fatos mencionados: organização de um dispositivo dirigido por homens implicados na tentativa anterior a 11 de Novembro de impedir pela força a posse do sr. Kubitschek; intervenção no Clube Militar; suspensão da Rádio Jornal do Brasil como teste para a sufocação da imprensa; intervenção em Pernambuco e brutal agressão aos universitários de Recife e provocações contra as Ligas Camponesas.

A orientação do presidente da República, em alguns círculos, está sendo denunciada como de inspiração de forças antinacionais e antipopulares, interessadas em barrar o desenvolvimento econômico do País e a consolidação da democracia. Nesses mesmos círculos considera-se possível conter o avanço dos que desejam implantar um regime de exceção, semelhante aquele mesmo ostensivamente praticado, sob a cobertura governamental do pequeno estadista Café Filho, antes da derrota infringida a 11 de Novembro aos articuladores do golpe e da "ditadura provisória", destinada a "preparar o povo para a democracia".

Pernambuco, segundo observam alguns políticos, apresentou um teste. Já houve quem apresentasse aquele teste como satisfatório para o sr. Jânio Quadros, mas essa interpretação dos efeitos da intervenção branca naquele Estado não é exposta satisfatoriamente.

Muitas explicações podem ser dadas sobre os fatos de Pernambuco. Essas explicações, às vezes, alastram-se através das regiões do subjetivismo. Há porém demonstrações concretas que podem ser analisadas. No momento em que Recife era transformada numa praça de guerra, telegrafistas dos Estados Unidos procuravam emprestar caráter subversivo à greve de estudantes ali ocorrida. Ao mesmo tempo, a demonstração (de força ou de fraqueza?) executada pelo governo coincidia com a passagem do sr. Stepanov pelo Brasil.

Muitas explicações podem ser dadas aos fatos de Pernambuco. Uma coisa, porém, é certa: a reação anula o terreno, experimentando os pontos de resistência e de fraqueza das forças democráticas nacionais.

Os Caminhos de Desenvolvimento Para os Países Atrasados (II)

Wladyslaw Gomulka
Primeiro secretário do POU

Concluimos neste número a publicação de trecho do Informe apresentado pelo camarada W. Gomulka, primeiro secretário do Partido Operário Unificado Polonês, perante a VII sessão plenária do POU, realizada nos dias 20 e 21 de janeiro deste ano.

Uma taxa de juro pouca elevada. Os créditos outorgados pela União Soviética e os outros países socialistas correspondem precisamente a essas condições. Ao contrário, os créditos que lhes são concedidos pelos governos dos Estados capitalistas representam uma pesada carga para eles. A taxa de juro desses empréstimos é mais elevada do que a dos empréstimos feitos em nome dos países socialistas em cerca de 5%, e além disso, o seu reembolso é mais difícil por causa da estrutura agrícola das exportações dos países subdesenvolvidos. Mas não é disso que se trata principalmente. As possibilidades de pagamento dos empréstimos dependem estreitamente do montante das cotações mundiais para os produtos exportados e importados pelos países subdesenvolvidos. O montante dessas cotações constitui geralmente um problema primordial para sua economia.

"Durante os anos 1950/1959 o ritmo anual de crescimento da produção industrial da República Popular da China era de 20%, enquanto que na Índia era de apenas 5% aproximadamente. A China desenvolvia a sua indústria 6 vezes mais rápido que a Índia. A agricultura chinesa desenvolvia-se igualmente durante este período bem mais rápido que na Índia.

Atualmente, nesses dois países não existe diferença essencial no nível de vida da população. Mas não existe a mínima dúvida de que se as desigualdades nos ritmos de desenvolvimento desses dois países não se modificarem, o potencial de produção da economia nacional da China aumentará durante os dez próximos anos ao ponto de permitir a elevação do padrão de vida da população chinesa bastante sensivelmente acima do nível de vida que o povo da Índia conseguirá atingir durante o mesmo período. As consequências sociais e políticas desse estado de coisas, embora seja difícil prevê-las plenamente, devem inevitavelmente fortalecer na Índia e em outros países as tendências em favor do caminho socialista de desenvolvimento. Os resultados da emulação entre a China e a Índia têm uma importância decisiva para a emulação entre os dois sistemas no continente asiático.

Vale a pena, entretanto, refletir se a Índia e todos os outros países subdesenvolvidos do sistema capitalista não conseguirão, apesar de tudo, acelerar seu desenvolvimento econômico com o auxílio de empréstimos estrangeiros. Não resta qualquer dúvida de que os países subdesenvolvidos precisam de uma ajuda do exterior a fim de lhes facilitar a tarefa destinada a fazer sua economia sair do atraso.

Já dissemos antes que, segundo os cálculos dos peritos da ONU, para atingir 2% de aumento da renda nacional calculada por habitante, os países subdesenvolvidos necessitam de uma ajuda estrangeira equivalente de 13 a 14 bilhões de dólares por ano. Esses países não possuem a mínima possibilidade de obter uma soma tão elevada. Mas o mais importante é que a exportação do capital monopolista para os países subdesenvolvidos não representa para eles, no fim das contas, qualquer ajuda, mas sim um instrumento que se presta para a sua exploração.

Segundo os cálculos do sr. Hoffman que exerce as funções de diretor-geral do Fundo Especial das Nações Unidas, o valor da ajuda econômica concedida durante o ano financeiro 1957/1958 pelos Estados Imperialistas à área dos países subdesenvolvidos elevou-se a cerca de 4 bilhões de dólares, dos quais cerca de 2,4 bilhões representavam uma ajuda chamada de governamental, proveniente de diversas instituições internacionais dependentes dos governos das potências imperialistas. O resto, isto é, 1,6 bilhões provinhavam dos monopólios capitalistas em território privado. Simultaneamente — sempre de acordo com os cálculos do sr. Hoffman — a partir de 1955 a União Soviética concede uma ajuda aos países subdesenvolvidos do mundo capitalista num montante de cerca de 700 milhões de dólares por ano. Conforme se depreende destes cálculos, falta ainda aos países subdesenvolvidos uma soma de cerca de 8/9 bilhões de dólares por ano para que possam atingir 2 por cento de aumento da renda nacional calculada por habitante.

Os países subdesenvolvidos precisam de créditos estatais a longo prazo e com

Assim, por exemplo, os fundos de investimento destinados à extração de uma tonelada de petróleo bruto durante os anos de 1949/1958 elevavam-se nos Estados Unidos a 12,3 dólares, enquanto que no Oriente Médio a apenas 1,18 dólar. Por isso, os monopólios americanos lançaram-se sobre o petróleo dos países do Médio e do Próximo Oriente, porque o capital que eles aí investiam era amortizado dez vezes mais rápido que nos Estados Unidos. Os fundos de investimento dos monopólios capitalistas nos países subdesenvolvidos são amortizados em média no período de 3 a 4 anos, após o que saem da renda nacional destes países sem nenhuma contrapartida.

Os investimentos dos monopólios capitalistas nos países subdesenvolvidos contribuem para o seu desenvolvimento unicamente na medida em que são do interesse do investidor. Estes países não podem acumular os seus bens na base da produção obtida em consequência dos investimentos do capital estrangeiro, pois esta base não constitui sua propriedade, mas dos monopólios, e são estes que acabam com os enormes lucros. No caso em que a obra de seu interesse, eles destinam uma parte desses lucros a novos investimentos. Isto é, eles reinvestem e mandam o resto para os seus países. Assim, a famosa "ajuda" aos países subdesenvolvidos sob a forma de exportação de capital privado, não somente lhes permite acumular os meios necessários ao seu desenvolvimento econômico, mas também entrega estes países, seus recursos e sua mão-de-obra ao saque e à exploração do capital estrangeiro.

O caso da América Latina, onde se concentra a imensa maioria do capital privado estrangeiro colocado nos países subdesenvolvidos, exemplifica isto muito bem. O economista norte-americano J. Fuchs, em sua obra intitulada "Penetração dos Estados Unidos na América Latina", nos ensina que os investimentos efetuados na América Latina pelos monopólios dos Estados Unidos passaram de 754 milhões de dólares em 1908 para 6 bilhões e 558 milhões de dólares em 1955, e que os lucros auferidos pelos Estados Unidos durante os anos de 1945 a 1955, ou seja no período de dez anos, atingem a soma de 5 bilhões e 610 milhões de dólares. Convm acrescentar que cerca de dois terços da soma destinada aos investimentos provinhavam de reinvestimentos, isto é, dos lucros que não tinham sido transferidos pelos monopólios.

Segundo os dados oficiais americanos, os investimentos diretos do capital norte-americano nos países da América Latina tinham atingido em 1955 a soma de 8 bilhões e 218 milhões de dólares (estas cifras são, é claro, diminuídas). Os monopólios americanos ligam-se e são subordinados à economia de quase todos os países da América Latina. Eles estão mais fortemente implantados na indústria de extração, particularmente na indústria de transformação e em outros ramos da indústria, mas não omitiram igualmente o comércio, a economia comunal e a agricultura. Eles só evitam realizar investimentos na indústria de maquinaria, a fim de não diminuir a dependência econômica destes países para com os Estados Unidos.

O exemplo da Guatemala ilustra muito bem a que ponto a exploração e dominação dos monopólios americanos reinam nos países da América Latina. Neste país, quase todas as plantações de cana-de-açúcar, de bananas e de café encontram-se nas mãos dos monopólios americanos. Encontram-se também instala-

ções nas centrais elétricas, nas estradas de ferro e nos transportes marítimos. Os lucros anuais que eles retiram das centrais elétricas ultrapassam o valor de todos os seus fundos de investimentos. Nas estradas de ferro da Guatemala, os monopólios norte-americanos investiram durante os anos de 1910 a 1952 cerca de 19 milhões de dólares, enquanto que os lucros por eles retirados elevam-se a 96 milhões de dólares. Exemplos análogos podem ser citados em todos os países da América Latina.

Sobre este fundo aparecem nitidamente as causas das revoltas e das insurreições armadas dos povos da América Latina. Sobre este fundo aparecem igualmente a maneira evidente as causas da campanha encarnada do imperialismo norte-americano contra Cuba e seu governo, a organização de ações de diversão e a formação de bandos armados contra-revolucionários para destruir o poder do povo cubano. Os monopólios norte-americanos não querem resignar-se à perda dos lucros, estarriam de continuar a exploração do povo cubano e exercer sua dominação sobre ele. O imperialismo americano teme que o exemplo de Cuba seja seguido por outros países da América Latina.

Vemos então que este segundo aspecto da referida ajuda concedida aos países em atraso em seu desenvolvimento, isto é, a exportação do capital privado, não pode ajudá-los a libertar-se de seu atraso e só faz aprofundar sua dependência para com os Estados imperialistas.

O antigo caminho de desenvolvimento do capitalismo, pelo qual passaram os países capitalistas hoje altamente desenvolvidos, já se encontra fechado nos países atrasados. São o imperialismo e o capital monopolista que o fecharam. Eles o fecharam através do seu diktat sobre as cotações remanescentes no mercado mundial o que, em virtude do crescimento do trabalho extremamente baixo nos países subdesenvolvidos, constitui um obstáculo a trocas comerciais equivalentes com os países altamente desenvolvidos. Foi o capital monopolista que o fechou através da intensificação da exploração dos países atrasados com a ajuda da exportação de capital bem como pelo fato de que dirigiu este capital somente para os domínios da produção que servem a seus próprios interesses e não aos da economia nacional dos países subdesenvolvidos. Este caminho foi também fechado porque nas condições políticas ocorridas nos países que acabam de recuperar sua independência e os países dependentes, os monopólios não têm mais interesse em investir, pois o estimulante dos lucros não diminui constantemente, estimulante que foi sempre e continua a ser o estimulante da exportação de capital. E, enfim, os países capitalistas hoje desenvolvidos desenvolveram-se em consequência da exploração dos povos coloniais. Atualmente, os povos libertados dos meios necessários ao seu desenvolvimento econômico pelo caminho da exploração de outros povos. Não existe ninguém a quem possam explorar. Muito pelo contrário, estando sempre em dependência dos Estados imperialistas, são eles próprios explorados por estes últimos.

Tudo isso explica porque o caminho clássico de desenvolvimento capitalista se encontra fechado para os países subdesenvolvidos. Nestas circunstâncias, não somente os países que se acham submetidos à escravidão colonialista, mas igualmente aqueles que já lançaram por terra os grilhões da escravidão e que já se libertaram da exploração dos monopólios, bem como os povos dos países antigamente dependentes, devem continuar a luta contra o imperialismo, não por assim dizer condenados a esta luta em maior medida que os povos de outros países. São forçados a travar esta luta não só por causa de sua aspiração à independência política do imperialismo, mas em primeiro lugar por causa de seu desesperado de sair da miséria e da pobreza, por causa de sua aspiração ao desenvolvimento econômico, ao imperialismo, e sobretudo aos grandes potenciais imperialistas, que constituem o principal obstáculo a este caminho. É por esta razão que estes povos devem lutar contra o imperialismo.

Marx disse que o capitalismo ao nascer forjou simultaneamente o seu colosso — a classe operária. No que concerne ao imperialismo, esta fórmula deve ser amplificada. O imperialismo logo ao nascer fez surgir ao mesmo tempo o seu colosso — todos os povos oprimidos e por ele explorados. A revolução socialista mundial — disse Lênin — não será apenas e

principalmente uma luta dos proletários revolucionários de cada país contra sua própria burguesia; não, ela será uma luta de todas as colônias oprimidas pelo imperialismo e de todos os países dependentes contra o imperialismo internacional. Na etapa atual, a luta dos povos dos países atrasados e retardados em seu desenvolvimento tem um caráter democrático, e não socialista. A estrutura de classes das populações destes países ou é marcada por grandes vestígios de feudalismo, ou — como é o caso de alguns países da África — apresenta relações sociais da vida tribal. Na maioria dos países da América Latina, os grandes proprietários fundiários agrupam em suas mãos a maior parte das terras.

Por exemplo, no Brasil, as explorações com mais de 500 hectares englobam 63 por cento das terras cultiváveis; no Uruguai, 71%; no Equador, 45%; na Colômbia, 40% e na Argentina as explorações com mais de 500 hectares englobam até 84 por cento das terras cultiváveis. Uma grande parte das terras foi acambarada pelo capital estrangeiro. Por exemplo, na Guatemala, quase um terço das terras cultiváveis pertencem aos monopólios americanos que as transformaram em plantações de bananas, riqueza principal deste país. A respeito de Honduras, o jornal americano Wall Street Journal (de 23/VI de 1959) escreve: "...a maior parte da população não se encontra mesmo em situação de conhecer esta insignificante utilidade da civilização que são os sapatos. A maioria dos habitantes vive de sua gleba de terra, mas apenas uma em quatro exploradoras possui este utensílio singular que é o arado de madeira. O meio principal de transporte é ainda a mulher que leva sobre a cabeça enormes cargas. A forma principal de construção é sempre um tabacaria coberta de palha".

Relações análogas ainda imperam em numerosos outros países da América Latina. A oligarquia agrícola feudal determina frequentemente o caráter do poder político destes países e constitui o sustáculo principal do imperialismo norte-americano. Nos países atrasados dos outros continentes, os vestígios do feudalismo não são menores.

E por isso que a condição fundamental do progresso

social e econômico destes países reside na revolução agrária. Ali onde domina o capital estrangeiro e o imperialismo, a luta de classes por uma revolução agrária reveste-se de um caráter ant imperialista.

A situação interna nos países que se libertaram recentemente e nos países dependentes é muito diferente. Uns, sob a direção de uma ampla frente democrática nacional, desde os comunistas até a burguesia nacional, encontram-se empenhados no caminho das reformas progressistas, da liquidação dos vestígios do feudalismo e do regime de tribos, do desenvolvimento da indústria capitalista de Estado. Em outros, as camadas dirigentes, realizando no exterior uma política ant imperialista e tendente a uma independência econômica, combatem ao mesmo tempo, frequentemente por métodos de uma violência brutal, o movimento comunista e realizam bastante timidamente as reformas sociais indispensáveis. Em outros ainda, as forças do povo que têm autoridade nem em todo o desenvolvimento do progresso social com a revolução ant imperialista, colocam seus países no caminho de desenvolvimento não capitalista e edificam um novo Estado de democracia nacional.

Os comunistas lutam nas primeiras fileiras das frentes nacionais unificadas, ao lado da política independente, nacional e ant imperialista. Ao mesmo tempo, combatem as forças reacionárias e procuram realizar as transformações mais arrojadas e as reformas progressistas democráticas que levam à criação de um Estado de democracia nacional.

Os Estados socialistas solidarizam-se com todos os países e povos que lutam pela liberdade e pela libertação do jugo da opressão imperialista e vêem neles seus aliados naturais.

A lógica da luta de libertação nacional e da luta pela plena soberania política e econômica que as massas populares travam contra o imperialismo e os agrupamentos mais reacionários e corruptos de sua própria sociedade, os conduz para transformações sociais cada vez mais profundas e cria um clima favorável para a propagação da ideia do socialismo e para a ampliação do movimento comunista.

Theoria e Prática
Apelo de Carvalho

Os camponeses são uma classe?

Os camponeses constituíram uma classe, na sociedade feudal. Foram mesmo uma de suas classes fundamentais, ao lado dos grandes senhores de terras. Era a grande massa explorada dos servos da gleba, despojados de meios de produção, condenados ao tributo do trabalho e ao sangue, na paz e na guerra. Sob os seus ombros e seu trabalho, erguia-se e pesava todo o edifício da sociedade feudal: o luxo dos príncipes, a nobreza, o clero, os funcionários, a burguesia em ascensão, a indústria e a ausência de direitos impostos por lei e acompanhavam o servo na vida e na morte. Como dizia Engels, não podia casar nem comer, sem que o senhor lhe cobrasse alguma coisa.

Com o desaparecimento do feudalismo, as massas camponesas deixam de constituir uma classe homogênea: Rob o socialismo, porém, elas passam a ser uma das classes fundamentais da sociedade moderna. É verdade que isso não se faz da noite para o dia. A princípio, elas formam a grande massa de pequenos e médios lavradores que dispõem, em usufruto, das terras da coletividade, e que, pela primeira vez, têm uma república sua na república socialista erguida em aliança com os operários. É um período em que já estão livres da opressão dos grandes senhores de terras — mas devem enfrentar, ainda, a pressão do que resta dos capitalistas rurais e dos comerciantes intermediários.

Apoiada no Estado, a coletivização e a grande propriedade impõem-se, porém, pouco a pouco, no interesse dos próprios camponeses, e à base de sua própria experiência. Surge, assim, a classe nova do campesinato cooperativista, ligado às formas coletivas de propriedade e de produção. É uma nova população rural, restaurada em seu direito de viver, participante ativa e fecunda da criação da nova sociedade. Seu período histórico é curto, pois a fase de transição ao comunismo marca, ao mesmo tempo, o fim do ciclo das sociedades de classes.

Resta a sociedade capitalista. Ela conserva a exploração e a opressão das grandes massas do campo sob formas diversas: combina a opressão latifundiária à exploração capitalista. Suas leis econômicas levam a uma diferenciação profunda e a uma proletarização crescente da população rural que se vê dispersa e fragmentada num conjunto de classes e grupos sociais: os capitalistas, donos ou arrendatários de grandes e médios proprietários de terras, que tornam uma camada intermediária entre o proletariado e a burguesia do campo; o enorme contingente dos arrendatários e parceiros, assimilável por suas características à camada da pequena produção; há, ainda, outros setores intermediários, como os milhares de semi-assalariados agrícolas. E em países como o nosso, onde o medievalismo guarda ainda sua cunha no regime burguês, o monopólio da propriedade da terra conserva a classe anacrônica dos latifundiários, dividida entre a exploração parasitária da renda da terra e os métodos capitalistas, entrelaçados a métodos precapitalistas de exploração da terra e do homem.

Como se vê, é toda uma população dispersa, diversificada e em fase de transição. 85%, porém, constituem a grande massa trabalhadora e explorada do campo, unida pelo interesse comum da posse da terra ou de sua exploração independente, da conquista de direitos iguais aos dos trabalhadores urbanos, de liberdade face à exploração dos latifundiários e capitalistas, usúrios e especuladores; oprimidos pelo monopólio da propriedade da terra, pela tirania fiscal do Estado e pela encoragem envolvente dos monopólios estrangeiros.

São, assim, uma força motriz considerável da revolução brasileira. Sua aliança com a classe operária constitui o princípio básico, a condição essencial para uma vida nova não só no campo como no conjunto de nossa sociedade.

Um Estudo Marxista Sobre a Revolução Cubana

Mário Alves

O início às forças populares — a classe operária, os camponeses e a pequena burguesia radical. Tendo criado uma ampla frente contra a ditadura de Batista, na qual participava também a burguesia nacional, os chefes revolucionários cubanos souberam, ao mesmo tempo concentrar seus esforços na árdua tarefa de mobilizar e organizar as forças fundamentais da revolução: as massas trabalhadoras do campo e da cidade. Concluíram acordos com a oposição burguesa conciliadora, na medida em que isso podia ajudar a luta contra a tirania, mas jamais consideraram tais acordos o elemento decisivo da revolução.

Apreciação acertadamente a atuação das diversas forças de classe, Almir Matos esclarece o importante papel desempenhado na revolução cubana pelo Partido Socialista Popular. Consta assim, as opiniões difundidas por alguns pretensos "socialistas", segundo as quais a revolução cubana comprovava a tese revisionista de que o socialismo pode ser vitorioso sem um partido baseado nos princípios marxista-leninistas.

O partido revolucionário da classe operária teve e continua a ter uma influência decisiva no curso dos acontecimentos em Cuba. No período de preparação das forças revolucionárias, foram os comunistas os mais ativos na difusão das ideias da revolução ant imperialista e antifeudal — o único partido cubano que sempre proclamou claramente a necessidade de uma mudança radical da estrutura das relações sociais, como afirmou Fidel Castro. Apesar das divergências doutrinárias que os separavam, inicialmente, dos jovens combatentes de 26 de julho, lutaram os comunistas cubanos, firmemente, pela unidade de todas as forças revolucionárias, defendendo sem vacilações os heróis do assalto ao Moncada e deram suas forças às de Fidel Castro no curso das guerrilhas, reconhecendo neste o caráter histórico de haver preparado, organizado, instruído e disposto os elementos de combate necessários para iniciar e sustentar a luta armada como meio de derrotar a tirania e abrir o caminho à revolução cubana. Almir Matos descreve a relevante atuação dos comunistas cubanos, assim como da esquerda do 26 de julho e do Diretório Revolucionário, na batalha travada após a vitória para desalojar do governo os elementos conciliadores, com o objetivo de fazer avançar a revolução. A medida que se aprofundavam as medidas revolucionárias, o papel dirigente do proletariado e de sua vanguarda se tornava cada vez mais nítido. Conclui Almir Matos, escrevendo antes do 1º de maio, antes de Fidel haver proclamado o caráter socialista da revolução: "São orientados pela ideologia da classe operária os dirigentes revolucionários — e isso é válido, como princípio geral, para qualquer país — seriam capazes de conduzir a revolução a etapas transformações sociais como as que hoje se verificam em Cuba."

Apesar do fato de que apreço os inimigos confessos ou disfarçados da teoria revolucionária da classe operária, a revolução cubana é uma notável confirmação histórica da vitalidade dos seus princípios básicos. Precisamente quando se acentuam as tentativas dos revisionistas para "superar" ou "renovar" o marxismo-leninismo declarando-o caduco, ele brota com vigor juvenil e floresce triunfante nas terras da América. De outro lado, pela riqueza de suas peculiaridades, pela originalidade das soluções que deu a vários problemas, a revolução cubana confirma igualmente a validade do método marxista, porquanto refuta o esquematismo seco e estéril das concepções dogmáticas.

Almir Matos soube captar e essenciais da revolução cubana como os seus aspectos particulares e específicos, que constituem a contribuição criadora do povo cubano, de sua classe operária e de sua vanguarda marxista ao acervo comum da experiência revolucionária. Seu livro é assim, um inesquecível relevo para os que vêm a revolução cubana como fonte de inspiração e um exemplo a seguir.

gemonia da classe operária. Expondo com grande clareza o processo de formação da frente revolucionária e a atuação das diferentes classes e camadas, Almir Matos assinala que a burguesia nacional cubana em nenhum período exerceu uma influência decisiva na condução da luta. Antes da tomada do poder, o processo revolucionário foi impulsionado, de um lado, pelo setor de esquerda da pequena burguesia, liderado por Fidel Castro, que tomou o caminho da luta armada, apoiado nos operários agrícolas e nos camponeses; de outro lado, pelo partido marxista-leninista da classe operária cubana, o Partido Socialista Popular, à frente dos trabalhadores urbanos. Se os setores de direita da frente única — elementos da pequena burguesia acomodada e da burguesia nacional — conseguiram a hegemonia no gabinete de Urrutia-Carbón, não o fizeram para tomar qualquer medida revolucionária, nem mesmo parcial, dirigida contra o imperialismo e o latifúndio. Ao contrário, toda a sua política tinha por objetivo, em essência, eludir as medidas revolucionárias, evitar qualquer ato ou providência que se orientasse no sentido de alterar a estrutura econômica e social, de ferir os interesses das classes exploradoras e dos monopólios imperialistas. (pag. 70). O poder real existente em Cuba já naquela época, a direção efetiva da revolução estava nas mãos da Exército Rebelde, que representava o núcleo verdadeiramente revolucionário da frente única: os operários agrícolas e camponeses, o proletariado urbano e a ala radical da pequena burguesia. A revolução só pôde avançar, mesmo em sua etapa ant imperialista e antifeudal, quando em fevereiro de 1959 o traidor Cardona foi substituído por Fidel Castro no posto de primeiro-ministro, e sobretudo a partir de julho de 1959, quando foram aliados do governo Urrutia e seus seguidores. O que garantiu a vitória da revolução cubana foi, portanto, o papel decisivo que nela desempenharam desde

Governador Brizzola na UNE: Revisão Completa de Nossas Relações Com os Estados Unidos

Com seu saído nobre totalmente lotado por entusiástica assistência, a UNE patrocinou, no dia 16 do corrente,

uma conferência do governador do Rio Grande do Sul, sr. Leonel Brizzola, subordinada ao tema "Auto-

derminação dos povos e alguns problemas do Rio Grande do Sul". A Rádio Mayrink Velga transmitiu a solenidade para todo o país.

pensamentos ultrapassados, o governador do R. G. do Sul iniciou o seu discurso afirmando logo as primeiras palavras que "o fato de fazermos parte deste hemisfério não nos obriga a estar sempre ao lado dos E.U.A." "Essa afirmação iria marcar todo o curso de sua oratória.

pensar em reformas no país, sem antes pensar em rever seriamente aquelas relações. Acha Brizzola que "alimentos para a paz", "consolidação de nossas dívidas", "empréstimos e mais empréstimos" de nada adiantarão se as nossas relações com aquele país continuarem nas bases atuais, isto é, relações de subordinação. "O fundamental — concluiu — são as reformas de estrutura e essas afetam, em primeiro lugar, os interesses dos E.U.A., que são fortes e poderosos em nosso país".

O EXEMPLO CUBANO

A última parte de sua conferência o gov. Leonel Brizzola dedicou ao caso cubano, que disse acompanhar atentamente, certo de que se os problemas de estrutura no Brasil não forem devidamente solucionados, aqui também poderá ser aplicada a receita cubana. Afirma estar certo de que o povo cubano, tomando a atitude que tomou, só tinha um objetivo: ter em suas mãos o autocontrole de suas riquezas.

Entidades Estudantis Contra os Divisionistas

Em face do desligamento da Escola Nacional de Engenharia e da Faculdade Nacional de Odontologia da UNE e da UME, as diretorias das mais importantes organizações estudantis sediadas na Guanabara acabam de lançar a seguinte nota:

3 — Notória vem sendo a tentativa de organizar forças reacionárias por parte do governador do Estado da Guanabara, a quem não faltam esquemas golpistas e anticonstitucionais. A ele se aliam, neste momento, vários órgãos de imprensa, conhecidos por suas vinculações e autoridades universitárias que temem o fim de seus privilégios com a reforma universitária.

Em vista de tais fatos, conclamamos o povo a tomar posição, na expectativa de manobras mais profundas do golpismo, e reiteramos nossa crença em que o Governo Federal saberá usar de sua autoridade para impor a ordem aos agitadores divisionistas que pretendem e prometem inclusive, com toda a desfaçatez, a intervenção nas entidades estudantis. Chamamos a atenção do senhor presidente para tais manobras que procuram envolver o atual governo e reiteramos nosso propósito de vigilância intransigente do sistema de liberdades constitucionais e nossa luta pela Reforma Universitária e pela Escola Pública."

O documento é assinado pelos estudantes: Oliveira Guarnais de Aguiar, presidente da UNE; Jarbas Miranda Santana, presidente da UBES; Alfeu Meireles, presidente da UME e Nei Sroulevich, presidente da AMES.

A MESA

Assumindo a presidência do ato, o presidente da UNE, estudante Oliveira Guarnais, convidou os dirigentes da UBES, UME e AMES para introduzir no recinto o governador Leonel Brizzola. A seguir, foi composta a mesa com as seguintes pessoas: Jarbas Santana, presidente da UBES; dr. Osvaldo Carijó, representante do ministro do Trabalho, sr. Castro Neves; dr. Hugo Ramos, representante de Sta. Catarina; Alfeu Meireles, presidente da UME; Ney Sroulevich, presidente da AMES; Ronald Perera, presidente da União Paranaense de Estudantes; coronel Oscar Bastos, do Movimento Nacionalista Brasileiro; Rogério Monteiro, presidente da Mocidade Trabalhista; Osvaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos Esportistas; coronel Luis Baiard, representante dos ex-diplomados do IABE; Fausto Peloto do D.C.E. da PUC do Rio Grande do Sul; representante do Prefeito de Resende, etc.

O deputado Paulo Alberto não podendo comparecer enviou mensagem, que foi lida no ato.

FALA O PRESIDENTE DA UNE

O primeiro orador da noite foi o presidente da UNE, que saudou a presença do governador Leonel Brizzola na Casa da Resistência Democrática. A seguir, destacou suas atitudes corajosas pronunciando-se em defesa da autodeterminação do povo cubano, bem como a campanha que o mesmo vem desenvolvendo no Rio Grande do Sul em prol da extinção do analfabetismo. Após criticar "os inimigos da democracia e do progresso que procuram neste momento reprimir no país os movimentos populares", afirmou que os estudantes sabem o que querem e por isso julgam necessário ouvir a palavra dos homens públicos que estejam em condições de dizer francamente o que pensam, que estejam prontos a definir posições, num momento político tão delicado como o que ora atravessamos; daí a oportunidade do convite dos estudantes ao governador Leonel Brizzola para realizar uma Conferência na sede da UNE.

SOU UM HOMEM INDEPENDENTE!

Dizendo-se um homem independente e livre das idéias pré-fabricadas e de

PROBLEMAS DO RIO GRANDE DO SUL

Assinalando que o "problema — Educação" é condição prévia para o desenvolvimento do país, expôs em linhas gerais o que o seu governo vem fazendo em prol da extinção do analfabetismo. "Dentro de 1 ano, isto é, a 1º de março de 1962, proclamaremos no Rio Grande do Sul a escolarização de todas as crianças gaúchas". Sobre o desenvolvimento, considera que o seu Estado paga com sacrifícios como aliás todo o Nordeste, o preço do desenvolvimento levado a cabo nestes últimos anos em favor de alguns grupos econômicos.

POR QUE É DIFÍCIL MUDAR

"O país clama por reformas profundas de estrutura", diz o governador gaúcho. E, continuando, perguntou: "E por que é difícil fazê-las? A resposta à sua própria pergunta foi uma acerba crítica às nossas relações com os E.U.A. Afirmando que não se pode



Governador Brizzola

Reforçar a Unidade Estudantil é Defender a Democracia

Zuleika Alambert

tam neste momento, bem alto, bandeiras de luta pela Reforma Universitária, contra o Projeto de Diretrizes e Bases da Educação, batendo-se pela autodeterminação do povo cubano e pelas liberdades democráticas. Por todo o país, tendo à frente suas organizações de classe, realizam estudos, debates, fóruns e seminários, organizam pesquisas e elaboram teses, procurando aprofundar o conhecimento da realidade em que vivem e encontrar para elas soluções adequadas. O I Seminário Nacional de Reforma Universitária de Salvador, os Seminários de Estudos dos Problemas das Regiões recentemente realizados em Recife, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Maranhão e outros Estados, deltam por terra as calúnias de que o estudante brasileiro só faz "política" e desordens. Ao contrário, estão revelando sua seriedade e o seu elevado grau de amadurecimento.

Dirigidos pela União Nacional de Estudantes prepararam-se para seu próximo Congresso Nacional que, como sucede anualmente, deverá ser mais um desses espetáculos concretos de como se maneja a democracia em benefício de uma coletividade. Então, cerca de 1.000 representantes dos estudantes brasileiros farão um balanço em suas forças e traçarão rumos para a conquista de novas vitórias. Esse, portanto, é o momento exato, para a reação de tentar golpear o movimento estudantil, quebrar a sua

força, e assim, anular um dos mais importantes baluartes das forças democráticas. Inicialmente vieram as "trovoações do Recife". Trovas do IV Exército, apoiadas em tanques e carros de assalto, ocuparam a Faculdade de Direito e a Universidade Rural de Pernambuco, cujos alunos estavam em greve contra os desmandos de um reitor despótico, desmoralizado e incompetente. A seguir, com o objetivo de neutralizar certos setores e dificultar-lhes a solidariedade ativa aos colegas pernambucanos, vieram as concessões a algumas reivindicações há muito solicitadas. Na Bahia, Edgard Santos foi impedido de continuar no cargo de reitor da Universidade daquele Estado, que ocupava há 8 anos. Na Guanabara, são concedidas as verbas para a construção da Casa do Estudante.

Quase que simultaneamente com as atitudes acima referidas, aparece uma medida grave e criminosa: o incentivo, para grande surpresa, aos desligamentos da UNE e da UME de algumas escolas da Guanabara à base de um plano simplista demais para esconder seus verdadeiros desígnios. Com o apoio em tais escolas procuram as forças do atraso e da reação, no meio estudantil, criar no país um clima artificial de desagregação do movimento estudantil, fazendo surgir a oportunidade para a criação de algumas cúpulas fantasmagóricas, destinadas a lançar manifestos sob a ba-

ta comprometedoros dos Lacerda, Pena Boto e Corrêa. O resto viria depois. O apelo suscitado da chamada "grande imprensa", criando condições para a intervenção federal nas organizações legais, desempenharia o seu papel. Os motivos alegados pelos divisionistas foram aparecendo, vaclantes e sem consistência. Dizem que não estão contra as entidades das quais se desligam, mas apenas contra os seus dirigentes que, segundo eles, não representam os interesses da classe. Mas, perguntamos, porque não elege então os "verdadeiros" representantes, utilizando o método justo e legal que são os próximos congressos das referidas entidades? A razão é simples. Os divisionistas de hoje a serviço direto dos golpistas e provocadores, sabem muito bem que através dos métodos legais não terão vez. Para atingir os seus fins buscam, no baú das velharias, certas fórmulas há muito superadas no movimento estudantil do nosso país: as rixas sem princípio entre grupos de estudantes, a infiltração de policiais no movimento, o emprego da mentira e da calúnia em lugar da crítica construtiva e do argumento, a eliminação ideológica e, principalmente, o surradiano anticomunismo. Ligando-se os acontecimentos, as coisas ficam bastante claras.

Que pensem e meditem, em primeiro lugar, os estudantes guanabaranos, equívocos e que podem servir de massa de manobra para

os inimigos da classe. Reflitam bem sobre este chocante contraste: lutam bravamente os estudantes do Recife, apoiados pela quase unanimidade do movimento estudantil, que não lhes nega sua calorosa simpatia. Enquanto isso no Rio, tradicional centro de cultura e politização, estudantes mal dirigidos e mal assessorados submergem no pantano da divisão e do separatismo.

Que estejam alertas os estudantes das demais escolas da Guanabara e do resto do país. A reação estudantil deve ser pronta, ativa e imediata. A ocupação de Recife e de outros Estados é um exemplo concreto de que está em jogo a causa das liberdades democráticas. E isso exige a unidade monolítica de nossos jovens. Prestigiado pelas demais forças nacionalistas e democráticas, o exterior em admirado, nesse momento não poderia de modo algum o movimento estudantil brasileiro permitir ser brechado por um grupo pequeno e sem significação.

A defesa das liberdades democráticas pelo movimento estudantil está agora intimamente ligada à defesa intransigente de sua unidade. E o caminho nesse sentido passa agora pela solidariedade imediata e multiforme aos estudantes de Recife: pelo apoio caloroso à União Nacional de Estudantes e às demais organizações de classe; pelo repúdio vigoroso aos poucos divisionistas da Guanabara,

TRÊS LIVROS

Dalcídio Jurandir

Quero-vos falar, neste breve espaço, de três livros. Um deles, já há tempos publicado, não conta tempo, é um livro de poesia, "O Dia da Ira", de Antônio Olinto, que já escreveu recentemente o primeiro volume do "Caderno de Crítica". Em "O Dia da Ira", o poeta apura a sua contensão, falando de um homem comum num quotidiano que é o nosso também, trágico, lírico, do amor, da morte, da esperança, da piedade, do qual podemos sair mais humanas e mais dignas de viver. O poeta foge a toda tentação verbal, seco, na densa intimidade de seu belo poema.

"Os Velhos Marinheiros", de Jorge Amado, vem, como era de esperar, ganhando a consagração do público. A primeira novela do livro, "A morte e morte de Quincas Bérro Dágua" eu classifico entre as melhores de nosso tempo, nesta e naquela literatura. A outra, "A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Arzão, capitão de longo curso, me parece mais um romance, ao modo de Jorge, largo, incoerente, em que a atmosfera, as situações decisivas, a figura do comandante, reafirmam o extraordinário romancista.

"Sol do Meio Dia", de Alina Paim, obteve um grande prêmio de romance e ali está entre os melhores lançamentos do ano. Alina Paim nos apresenta temas novos, com aquela sua maneira, bem feminina, de ver e narrar, com a figura e uma linguagem de quem sabe como comover profundamente. É um romance carloco, não há dúvida, com as coisas da nossa cidade tão vivas no livro.

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Já tinha entregue a minha colaboração da semana passada quando tive ocasião de ler as linhas com que Antônio Olinto, no "O Globo" de 13 do corrente, procurou refutar as acusações que lhe fiz. A resposta de Olinto é melancólica: além da preocupação de não citar meu nome, ele se abstém cuidadosamente de mencionar NOVOS RUMOS, dando, assim, a impressão de que o escritor evita remeter os seus leitores à minha trépica.

Para provar que era exata a sua afirmação de que Lukács escrevera que "o formalismo da vanguarda literária está num extremo tão perigoso como o do realismo socialista", Antônio Olinto transcreve um trecho pinçado à página 33 da edição francesa do livro do escritor húngaro (embora houvesse citado o título em alemão), onde este se refere ao esquematismo de "muitas produções, tão justamente criticadas, do realismo socialista". O artifício empregado por Olinto salta aos olhos de todos: Lukács fala de "muitas produções" e não do realismo socialista em seus princípios e realizações fundamentais. Na página 260 da edição citada por Olinto, ele poderia ter lido a ressalva feita pelo próprio Lukács: "Nossa crítica não visa, bem entendido, o conjunto da literatura socialista". Segundo o crítico húngaro, Górkí, Chokolov, Makarenko, Alexis Tolstói e outros nada têm a ver com a simplificação romântico-esquemática do real que denuncia nas obras de alguns escritores socialistas menos categorizados. "O valor estético, o nível histórico de uma arte sempre dependeu e dependerá sempre, muito legitimamente, das obras mais marcantes que ela produziu e produzirá", frisa Lukács, algumas linhas adiante.

Corroborando a interpretação feita por mim, aqui, do pensamento do crítico estrangeiro, julgo conveniente citar outro trecho do seu livro, no qual se pode perceber claramente que ele não considera, de modo algum, o realismo crítico (burguês) como um meio-térmo recomendável entre dois extremos igualmente perigosos e sim como a solução para o escritor (burguês) que, sem passar ao campo do socialismo, recusa-se a participar da decadência da sua classe: "É, com efeito, no interior mesmo da literatura burguesa que se procuram definir os pressupostos, quer no que nos estamos procurando definir no plano artístico. Não se trata, aqui, de opor o realismo socialista à decadência burguesa, mas simplesmente o realismo burguês, o realismo crítico, ao vanguardismo decadente. Assim, para que um escritor encontre meio de escapar à crise social e ideológica da atual sociedade burguesa — esta crise cujo reflexo está hoje no centro de toda a literatura — não é necessário que ele próprio se coloque no terreno do socialismo, que ele se torne pessoalmente socialista; basta que o socialista não esteja, em princípio, eliminado dos seus interesses de homem e de artista, que o socialismo não se choque com o escritor com uma recusa prévia" (página 115 da edição lida por Antônio Olinto). Por aqui se vê que, para Lukács, inclusive, a posição em face do socialismo é o critério para

Antônio Olinto

falsificou mesmo Lukács

distinguir entre as duas posições burguesas na literatura, para distinguir o reacionário (vanguardista formalista) do progressista (realista crítico).

Lukács acha que, aprofundando suas posições no curso do processo histórico, os realistas críticos (burgueses) "podem se tornar os melhores auxiliares do realismo socialista" (p. 263) mas apresenta a perspectiva do realismo socialista como mais avançada do que a do realismo crítico e como a única capaz de descrever "o interior do homem futuro" (p. 175). Atribuir-lhe a tese de que o realismo crítico (burguês) é o meio-térmo recomendável entre dois extremos perigosos é falsificar-lhe grosseiramente o pensamento, é desrespeitar a perspectiva socialista da sua crítica.

No que concerne ao "naturalismo neutralista" de Thomas Mann, que Olinto procura fazer passar por tese de Lukács, direi apenas que na própria página 81, citada por Olinto, o crítico húngaro opõe o espírito do naturalismo ao espírito do realismo, indicando como "o verdadeiro critério de distinção entre o realismo e o naturalismo: a presença ou a ausência de uma hierarquia entre os traços próprios aos personagens representados e entre as situações onde se acham situados esses personagens". Thomas Mann encarna, para Lukács, "o verdadeiro realismo" (p. 63), "um realismo crítico verdadeiro como a vida" (p. 168).

Outra coisa: em sua réplica, Antônio Olinto cita a página 89 do livro do crítico estrangeiro para provar que este vê detalhes realistas na obra de Kafka. E quem foi que disse que não via? Em seu artigo de 3 de junho, Olinto escreveu que, da oposição entre anti-realismo e realismo, "Kafka, segundo Lukács, poderia ficar de fora". Eu disse que isso era falso. E provejo: para o escritor húngaro, ao contrário do que afirmou Olinto, Kafka é o exemplo mais expressivo de vanguardismo anti-realista, justamente porque "partindo de detalhes reais, chega, afinal, a negar a realidade do mundo" (p. 90), porque, "nada, os detalhes realistas servem sempre de matéria e suporte a um irreal fantasmagórico, a um mundo de pesadelos, que deixa, por conseguinte, de ser mundo, não exprime mais do que uma angústia subjetiva" (p. 43). E mais: "Franz Kafka é o exemplo clássico do homem que se imobiliza em um meio pânico e cego da realidade efetiva" (p. 150). Como poderia Lukács tê-lo excluído dos quadros anti-realistas?

No fim, Antônio Olinto diz que eu não peguei bem as explicações de Lukács. Esta não é a opinião do próprio Lukács; em carta que recebi recentemente de Budapeste, o crítico húngaro faz a gentileza de me incluir entre os seus leitores compreensivos. (Deixa a carta aqui na redação de NOVOS RUMOS). Admito que o tenha feito por mera amabilidade, pois conheço as minhas limitações, mas, ainda assim, prefiro acreditar nele, que é um homem sincero, a acreditar num Antônio Olinto.



Niemeyer lançou Brasília

Constituiu um brilhante acontecimento cultural e social o lançamento do livro de Oscar Niemeyer Minha Experiência em Brasília. O famoso arquiteto, cujo nome é hoje consagrado em todo o mundo, assinou cerca de 500 autógrafos e recebeu uma calorosa homenagem de seus inúmeros amigos e admiradores. Tendo ao seu lado o poeta Vinícius de Moraes e a pintora Djairira, Niemeyer não parou um só instante, das 21 às 24 horas, de passar os autógrafos que lhe eram pedidos. Pessoas de todos os círculos — intelectuais, artistas, políticos e simples homens do povo — superlotaram as dependências da Galeria 403, em Copacabana, onde se realizou a magnífica festa, no dia 16 último. Estive presente, levando o meu fraternal abraço a Oscar Niemeyer, o líder comunista Luiz Carlos Prestes (foto). Minha Experiência em Brasília, humano e reconhecido depoimento do extraordinário artista que construiu a nova capital, foi editado, num magnífico trabalho gráfico, pela Editorial Viciosa.

Seis mil homens querendo trabalhar

Milhões de Famílias Ameaçadas: Extinção da Lei do Inquilinato Provocará Despejos em Massa!

Milhões de famílias brasileiras têm diante de si a ameaça mais dramática que já enfrentaram: a de serem despejados de suas residências, até o dia 30 do corrente não for prorrogada a Lei do Inquilinato, que expira naquela data.

O fantasma do despejo em massa cresce ante os olhos desesperados dos chefes de famílias que pagam aluguel, quando estes observam que, a uma semana do fim fatídico, o Projeto de prorrogação da Lei ainda não foi aprovado pela Câmara dos Deputados, ser aprovado em Plenário na quarta-feira do Legislativo, passar, sem emendas, pelo Senado, ser sancionado pelo Presidente da República e publicado no "Diário Oficial".

Se não houver prorrogação da Lei, a partir de 1 de julho os aluguéis estarão liberados e as locações voltarão a ser regidas pelo Código Civil, que prevê a sumária mudança do locatário, em 30 dias, se não convier mais aos interesses do locador continuar com ele. Assim, teremos, não só na Guanabara mas em todo o País, um autêntico estado de calamidade pública.

Pois é a isso que nos levará a "liberação" dos aluguéis e a facultade do proprietário poder "expotar" em trinta dias um inquilino que não lhe satisfizesse os caprichos.

PRIVILEGIO DE NICO
Quem quiser saber o que significa "liberação de aluguéis", basta dar uma olhada nas páginas de anúncios de casas e apartamentos do "Jornal do Brasil". Com efeito, apesar das limitações decorrentes da aplicação da Lei em vigor, observar-se-á que um apartamento de quarto, sala, cozi-

lha e banheiro tem aluguel fixado em quinze mil cruzeiros. Isto se estiver localizado no Flamengo ou na Glória. Em Copacabana e no Leme a história é diferente: dez mil, no mínimo. E se for situado na Avenida Atlântica, mesmo sendo de fundos, não será alugado por menos de vinte e cinco mil cruzeiros mensais. No tocante a casas, as mais modestas ali anunciadas andam por volta de sete mil cruzeiros. E são, sempre, localizadas nos subúrbios mais distantes.

Em São Paulo a situação não é outra. O volumoso "Estado" do último domingo trazia várias páginas repletas de anúncios do gênero. Tomamos uma delas, ao acaso. Oferecia casas, a de preço mais baixo: onze mil cruzeiros. Superior ao salário-mínimo pago na grande cidade. Na mesma página, como oportunidade preciosa, era oferecido um bangalô nas imediações do Jardim América pela bagatela de cento e oitenta mil cruzeiros por mês. Difícil imaginar quem o locará, pois para os ricos o gráfico da Avenida Paulista não é "bem" morar em imóvel alugado.

Também fora do Rio e de São Paulo o problema é crucial. Em Porto Alegre, segundo verifica-se pela leitura dos "pequenos anúncios" do "Correio do Povo", um apartamento com as dimensões dos citados nesta reportagem tem seu aluguel oscilando entre oito mil e quinhentos e doze mil cruzeiros, conforme a localização. Quanto às casas, existem algumas a três mil cruzeiros; de quatro peças e invariavelmente situadas nas proximidades dos terminais de linhas de ônibus.

DEFESA DO LAR
Em luta para evitar o descalabro que seria a extinção da Lei do Inquilinato, os locatários, através de suas associações de classe e com a colaboração das entidades sindicais, vêm pressionando os parlamentares membros do Congresso Nacional no sentido de que, num "rush" que muito os recomendaria, votem e sancionem o Projeto de prorrogação da Lei antes do dia 30 de junho.

Se tal não ocorrer o País corre o risco de se ver envolto numa atmosfera de completa e irreprimível revolta, uma vez que centenas de milhares de famílias não se conformarão em serem jogadas ao desabrigo, de uma hora para outra. Segundo declarações de seus representantes mais autorizados, os inquilinos,

na hipótese da extinção da Lei, lutarão por todos os meios para a reconquista de seus direitos. Planejam, desde já, uma campanha de apontamento à execução pública dos nomes daqueles parlamentares considerados responsáveis pela não prorrogação do instrumento legal que lhes assiste. É aventada, inclusive, a possibilidade de um movimento de greve orientado no sentido de que nenhuma família residente em imóvel locado cumpra o pagamento do aluguel correspondente.

É crença entre os inquilinos em geral que o delituoso abandono dos deputados à Lei do Inquilinato deve-se à pressão que sobre eles vem fazendo há anos consecutivos os proprietários de imóveis. É apontado como principal "pombo correio" entre os exploradores do comércio de moradia e os parlamentares, o general Valério Braga (líder de uma das associações de proprietários de imóveis), visto com muita frequência ultimamente nos corredores do Palácio do Congresso, em Brasília.

REFORMA URBANA
Não é primeira vez que as famílias brasileiras vivem esta iminência de serem atiradas à rua: a Lei do Inquilinato já foi prorrogada 5 (cinco) vezes na vigência da atual Constituição. Em todas as prorrogações o dispositivo sofreu emendas. Emendas, diga-se de passagem, que sempre atenderam aos interesses dos locadores. Muitas das conquistas inscritas originalmente na Lei, os inquilinos já as perderam. Assim é que, pelo instrumento ora vigente, cabe aos locatários o pagamento das taxas advindas das despesas de condomínio, dos serviços de portaria, de limpeza, etc. A Lei já prevê, também, um aumento de 5 por cento anualmente nos preços de aluguel.

Para se ter uma idéia de como é crítica a situação dos inquilinos no Brasil basta que se diga que predominam nas varas civis do Rio de Janeiro as ações de despejo por falta de pagamento, caso previsto na Lei. Chegam a alcançar cerca de 25 por dia as ações desse tipo, cifra somente igualada pelos despejos na vará de famílias.

Um exame, mesmo superficial, da questão mostra a imprescindibilidade de uma Reforma Urbana. Existe, na Câmara dos Deputados, um Projeto do deputado Sérgio Magalhães instituindo a medida. É hora de pressionar o Parlamento no sentido de fazer tramitar a proposição.

ALUGUEL

4 - 3.º Cad. Jornal do Brasil, 3.º-Feira, 20-6-61

CENTRO
ALUGUEL de quarto com banheiro, av. Rio Branco, 21-430. Tel. 22-4400.

OLARIA - S. TEL
ALUGUEL de quarto com banheiro, rua S. Tel. 21-430. Tel. 22-4400.

PASSARELA - S. TEL
ALUGUEL de quarto com banheiro, rua Passarela, 21-430. Tel. 22-4400.

ALUGUEL de quarto com banheiro, rua S. Tel. 21-430. Tel. 22-4400.

ALUGUEL de quarto com banheiro, rua S. Tel. 21-430. Tel. 22-4400.

POR QUE E DE QUE FORMA CUBA TOMOU O CAMINHO DO SOCIALISMO?
A resposta à esta pergunta pode ser encontrada no livro

CUBA: A REVOLUÇÃO NA AMÉRICA

de Almir Mates Cr\$ 200,00

Faça o seu pedido hoje mesmo à

LIVRARIA DAS BANDEIRAS

Rua Riachuelo, 342 — loja 2
São Paulo

ATENDEMOS PRONTAMENTE PELO REEMBOLSO POSTAL

QUE SIGNIFICA A REVOLUÇÃO CUBANA PARA A AMÉRICA LATINA E O MUNDO?
Essa, e tantas outras indagações encontram resposta no livro

CUBA: A REVOLUÇÃO NA AMÉRICA

de Almir Mates Cr\$ 200,00

À venda na LIVRARIA DAS BANDEIRAS

Rua Riachuelo, 342 — loja 2
São Paulo

PEÇA O HOJE MESMO PELO REEMBOLSO-POSTAL — ATENDEMOS PRONTAMENTE

JOVEM PINTOR EXPÕE NA CASA DO ESTUDANTE

A Casa do Estudante do Brasil está expondo, desde o dia 15, óleos e desenhos do jovem pintor José Maurício. A mostra, que estará aberta ao público até o dia 30, pode ser apreciada ao segundo andar da Casa do Estudante, na rua Santa Luzia, 305, das 10 às 17 horas.

CURSO DE FÉRIAS DE LINGUA RUSSA: UNIVERSITÁRIOS

A partir dos dias 3 e 4 de julho será realizado o Curso de Férias, de 12 aulas, de Língua Russa, para universitários, promovido pelo Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-U.R.S.S. As matrículas estão sendo feitas à Rua México, 119, sala 1.066, das 14 às 20 horas. O melhor aluno de cada turma será oferecida uma bolsa de estudo de um ano.

ATUALIDADES SOBRE O PROBLEMA DO PETRÓLEO:

Em prosseguimento ao 3.º ciclo de Palestras Sobre Problemas Nacionais, patrocinado pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional — falará na próxima terça-feira, dia 27, às 18,30 hs., no 3.º andar da A.B.I., o engenheiro Fernando Luiz Lobo Carneiro, abordando o tema: Atualidades sobre o problema do petróleo, a Petróbrás.

ENCONTRO OPERÁRIO-ESTUDANTIL

Deverá realizar-se, de 23 a 28 de julho próximo, o I Encontro dos operários e estudantes da Guanabara sob o patrocínio da AMES e de importantes sindicatos cariocas.

A fim de preparar devidamente a este encontro, aquela entidade estudantil está coordenando uma importante reunião nos primeiros dias de julho, que deverá ser realizada em sua sede, à Praia do Flamengo 132.

DELEGACIA REGIONAL DA AMES EM CAMPO GRANDE

Tendo à frente o estudante Oziel Mazoni, acaba de ser instalada em Campo Grande a delegacia regional da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários. A finalidade principal dessa organização é possibilitar a descentralização dos trabalhos da AMES, ao mesmo tempo que tornar possível uma assistência mais efetiva aos colégios situados nos pontos mais distantes.

FESTA NO "ARRAIA DE S. JOSÉ DE RUBÁ"

O "Coroné Fugenco" está convidando os cariocas a comparecerem dia 24, a partir das 19 horas, à Tenda Espirita Filho de Coral, rua Albano, 324. "Arraia de São José de Rubá", onde haverá fogueira, santonas, quentão e muita alegria.

A Oposição e o Rádio

Hércules Corrêa dos Reis

No dia 10 de abril último, o deputado Saldanha Coelho apresentou um Projeto de Resolução disposto sobre a irradiação das sessões da Assembleia Legislativa, baseado nos seguintes termos: Art. 1.º — A Rádio Roquette Pinto (RDP-3) fará irradiar todas as sessões ordinárias e extraordinárias da Assembleia Legislativa; Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Além do autor e nós, assinaram o projeto os deputados Souza Marques, Saul Jorge, Mervina da Silva, Saldanha Lacerdas, Frota Aguiar, Waldemar Vianna, Jorge Valadao, Roland Corbider, Paulo Alberto, Armando da Fonseca e Danilo Nunes. Na comissão de Constituição a matéria foi aprovada por seu presidente, deputado Hugo Ramos Filho, que, após demonstrar não ser a matéria um problema de competência interna do Poder Legislativo, concluiu seu parecer apresentando um substitutivo assim redigido: Art. 1.º — A Rádio Roquette Pinto fará irradiar as sessões ordinárias da Assembleia Legislativa, a partir das 14,30 horas; Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Por força de um requerimento assinado por 16 deputados, esse substitutivo foi aprovado e enviado à sanção do Governador, tendo recebido veto total. As razões formuladas pelo sr. Carlos Lacerda foram as seguintes: 1) — A existência de um convenio do Estado com o Ministério da Educação, assinado no dia 29 de março último, através do qual o Estado recebeu inicialmente 13 milhões de cruzeiros para instalar escolas radiofônicas, o que está sendo feito, em virtude de plano, pela utilização da Rádio Roquette Pinto, das 15 às 17 horas e das 20 às 22 horas, com exceção dos domingos; 2) — O país se encontra em uma fase do processo democrático, diferente daquela que marcou o fim da ditadura, na qual só era ouvida a voz do Poder Executivo.

Na primeira razão, o Governador deixa claro sua intenção de impedir que a Roquette Pinto venha a levar os trabalhos da Assembleia Legislativa, quando em 29 de março firmou acordo com o Ministério da Educação e cumpre exatamente o horário em que funciona a Assembleia.

No final do mês de março era público e notório que a oposição iria apresentar esse projeto, o que foi feito no dia 10 de abril.

Quando no mérito da segunda razão, fica evidenciado que o sr. Carlos Lacerda entende existir igualdade de condições entre os Poderes Executivo e Legislativo na divulgação dos seus atos. Se consideramos Poder Legislativo a bancada do governo na Assembleia, é claro que o argumento do Governador encontra justificativa, pois os seus representantes dentro daquela Casa dispõem de jornais, rádio e televisão com a mesma facilidade que encontra o Chefe do Executivo.

Entretanto, para a oposição não existe essa igualdade. Eis porque se o veto não for rejeitado, os deputados da oposição irão mensalmente aos bairros da cidade dizer ao povo aquilo que estão propondo em seu benefício e o que está fazendo o Governador, Frederico.

Então, o então deputado Carlos Lacerda percorria os bairros no "Caminhão do Povo" para chamar pelo direito de falar no rádio. Hoje, no entanto, o governador Frederico veta o rádio para a oposição, a fim de que a população não fique sabendo que ele é um governador de 6 meses, que seu governo é um governo de calamidade pública e que a sua presença no Guanabara representa um desgoverno para a cidade.

CONFERÊNCIA DE F. SEGISMUNDO: HISTÓRIA DO BRASIL

O professor e jornalista Fernando Segismundo, dando prosseguimento ao ciclo de palestras sobre problemas nacionais patrocinado pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, fez conferência na A.B.I. dia 29, abordando o tema Omissões e Deformações no Ensino da História do Brasil.

O orador referiu-se ao papel do Estado, da sociedade, do professor e do aluno no capítulo das omissões. O Estado nem sempre interessado em defender o passado, as boas tradições, o civismo; a sociedade, em crise, omissa; o professor mal formado e mal remunerado, rotineiro; o aluno abandonado a sua sorte, a

atenção mais voltada para os programas de TV, as revistas em quadrinho e as versões, sem casca, capazes de rotear, sem compreender a finalidade do aprendizado a que se significam.

Entre as principais omissões, apontou a do estudo da Constituição.

No setor das deformações, cuidou do índio, calculado desde os jesuítas; do negro, cujas culturas o colonizador tentou em vão liquidar; do catequese, que não houve; da exagerada ênfase que se costuma dar à influência do meio físico-geográfico, da Abolição, que muitos ainda consideram uma dívida da princesa Isabel, etc.

O conferencista no fim da palestra, conclamou os presentes, educadores e pais de família, a cercarem filhas na obra de democratização do ensino de História.

A Cidade AMERICANOS E NORDESTE

Ana Montenegro

De repente, os americanos declaram o seu interesse pelo Nordeste. E esse interesse é motivo de graves preocupações. E que o Nordeste já tem muitas angústias. As angústias da natureza e as angústias dos homens. Tem havido muitos anos de seca. E de vez em quando muita chuva. Tem muita doença. E muita fome. Temos mais altos índices de analfabetismo do país. Índices vergonhosos. No Nordeste tem muito abandono. Muita inércia dos governos. Muita terra sem cultivo. Muita terra cultivada para melancia. E tudo isso que foi e continua sendo, transformase sempre, numa indústria bastante rentosa.

Brocoió em Foco

Zé Vicente

Invocando a qualidade de médico e uma experiência técnica de 31 anos, o sr. Guilherme Malaquias, na Câmara, afirmou que a anunciada crise nervosa do sr. Lacerda tem caráter patológico. Assim, no entender do vereador, o homem não pode permanecer à frente da administração, devendo renunciar. Os reflexos psicológicos do governador, segundo constata o dr. Malaquias, acentuam-se. Assim, seus assistentes recomendaram-lhe absoluto repouso em Brocoió, onde floará esse severa vigilância médica.

Na ilha encantada, antigo refúgio de magnatas, que escolheu para o descanso semanal, o governador está submetido a mais de uma espécie de vigilância. E observado, com as maiores cautelas, por alguns pares de olhos, civis. Além disso, uma reforçada escolta de Gregórios, composta de atletas de praia, guarda-lhes as costas, solícita e atenciosamente.

Com ou sem crise nervosa de caráter patológico e consequências imprevisíveis, o governador, que tem alma de policial, por sua vez sempre está debaixo de vigilância. A vigilância em torno de sua figura tem variado, é claro, mas sempre se exerce. Quando jovem, carçoso de ser visto pelos Borés o Arduvino da época. Hoje, em outro transe, confundido com os Borés e Arduvino de nossos dias e de olho nele está sempre a vigilância popular. E uma soma,

Cartas dos Leitores

POETA POPULAR

Do leitor José Seixas, da Guanabara, recebemos um poema dedicado ao povo cubano, intitulado "Cuba".

INIC DE PAJUCAIA

O leitor A. R. Souza, de Pajucária, escreve-nos para relatar a situação da colônia do INIC naquela localidade. Devemos informar ao leitor que, em número anterior, já publicamos reportagens sobre o assunto.

Cineclubismo

Manoel

Censura Federal

Volta-se a falar na federalização da Censura, assunto por demais estudado e debatido, sem encontrar sair do terreno das discussões. Realmente, a Censura tem sido de alçada das autoridades federais. Entretanto, com a transferência da Capital da República para Brasília, não se sabe bem por que o Certificado de liberação de filmes ficou sujeito ao censor Ascendino Leite, nomeado pelo governador do Estado.

Essa autoridade tem exagerado a sua triste função de censurar os filmes para exibição em nosso Estado; há pouco mais de um mês foi a proibição de um documentário sobre a invasão de Cuba por tropas financiadas pelo governo norte-americano, na mesma ocasião em que estava sendo exibido na televisão um filme realizado pelo Departamento de Estado, isto é, dois preços e duas medidas.

Na semana que passou, foi a aparatosa proibição de uma fita sobre nudismo, no dia da estreia comercial no cinema Plaza, estando o filme já com o certificado liberatório da mesma Censura; resultado: uma enorme propaganda indevidamente gratuita e bilheteria com filas cada vez maiores. Parece até coisa combinada. Já se comenta nos meios cinematográficos da praça que a melhor publicidade para um filme é criar um caso com a Censura; os distribuidores quando submetem uma fita ao corpo de censores (que dizem dominado por malandras) já ficam torcendo para que a mesma seja proibida a fim de que se possa transformar em "casos" de imprensa e grande repercussão no mercado. É a fórmula garantida para um êxito de bilheteria.

No caso da volta do Serviço de Censura para a alçada do Governo Federal, não basta a transferência pura e simples, pois continuará com a mesma mentalidade policialista até hoje dominante; é preciso, antes de mais nada, reestruturar esse órgão, colocando-o sob controle do Ministério da Educação e Cultura, onde sua composição deverá constar de pessoal representativo dos meios cinematográficos e culturais. Afinal de contas Cinema é Cultura, não se justificando, portanto, que seja censurado por entidades policiais ligadas ao Ministério da Justiça; é uma autêntica inversão de atribuições. Esperamos que o GEICINE (Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica) faça alguma coisa nesse sentido, com a urgência que o assunto requer. Sabemos que foi criado um Grupo de Trabalho para tratar do problema, e que o mesmo já entrou em contato com o Deputado Anísio Rocha a fim de assistir quanto ao seu projeto de transferência do Serviço de Censura para o Ministério da Educação. Depois disso, nenhuma informação foi dada ao público.

RONDA DOS CINECLUBES: No mês de julho serão inaugurados dois cineclubes: no Teatro de França, as segundas-feiras, o Cineclub Lasso, da Instituição Filantrópica Casa da Voz Santa, mais conhecida como "Lar de Sônhas", em Marechal Hermes. — O Clube de Cinema do Rio de Janeiro apresentará amanhã às 20 horas, no Palácio Pedro Ernesto, o famoso documentário OUTUBRO, de Eisenstein. — O GEC da UNE exibirá hoje às 20 horas, no Ministério da Educação, QUANDO VOAM AS CEGONHAS, outra fita soviética do diretor Kalatazov, dentro do mesmo estilo ensinado pelos mestres Eisenstein, Pudovkin e outros. Também apresentamos hoje GEC, teremos sábado, dia 24, o italiano NO LIMAR DA REAJADADE, de Renato Castellani. — Continuarão funcionando o Cineclub Olímpico (Rua Pompeu Leão, 116), às sextas-feiras, e o Clube de Cinema do Nova Friburgo.

Aumenta a Resistência à Política Econômica do Governo

As hipóteses levantadas pelas forças nacionalistas sobre as consequências da Instrução 204 foram inteiramente confirmadas pelo curso dos acontecimentos. As críticas àquela medida da SUMOC partem agora não apenas de um pequeno grupo, como acontecia no momento de sua apresentação, mas, ao contrário, são formuladas pelos mais diferentes setores econômicos e políticos do país. Ampliam-se, assim, as possibilidades de luta contra a 204. Contra ela já se manifestaram até mesmo setores oficiais, como os governos de Pernambuco e do Rio Grande do Sul, que viram, na medida da SUMOC, séria ameaça aos seus planos de desenvolvimento, e, mais particularmente, ao programa de industrialização dos Estados que dirigem.

Um estudo feito pela Assessoria Técnica da Secretaria da Economia do R. G.

IRÁ A PARIS A MAIS BELA SEGUNDA RISTA

Finalmente, a primeira de julho, durante o grandioso baile que farão realizar, os secundaristas cariocas elegerão a mais bela de suas colegas.

A juvenil rainha terá em seu séquito duas formosas princesas a serem eleitas entre as 25 finalistas já selecionadas. O júri é composto de 13 membros de nossos meios artísticos e culturais. A AMES, promotora do concurso, informa que o prêmio a ser oferecido à mais bela secundarista da Guanabara consta de uma viagem de ida e volta a Paris para a vencedora e sua acompanhante. Para as princesas serão oferecidas viagens de ida e volta com estadia a diferentes regiões do país.

do Sul, aparecido no mês de maio, mostra o impacto negativo que teve sobre a economia gaúcha a Instrução 204. Entre as conclusões que chegou o trabalho, encontramos a seguinte: "Face ao repentinamente que recaiu sobre a despesa pública, já comprometida com notória deficiência, cumpre a esta Assessoria alertar os poderes governamentais para a gravidade do novo problema, eis que as reduções de gastos da Instrução 204 são amplamente eliminadas pelos efeitos negativos que acarreta. Esta situação incide tanto na esfera administrativa estadual como, e particularmente, na municipal, cujas receitas são de inelastibilidade mais acentuada." Críticas semelhantes foram feitas pelo governo de Pernambuco à Instrução 204, principalmente por ocasião da reunião dos governadores com o presidente da República, realizada em João Pessoa.

MERCADO DE CRÉDITO
As previsões que aqui fizemos em seguida à decretação da 204, sobre o encarecimento do dinheiro que as letras de importação iriam determinar, são agora realidade. Não foram, entretanto, previstas as negociatas que a medida possibilitava. E mais do que isso, que os grandes beneficiários seriam alguns banqueiros paulistas ligados ao comércio de importação e exportação, gente, segundo se afirma em certos círculos, muito ligada ao atual ministro Clemente Mariani.

O fato agora já é do domínio público, e começa a transformar-se em calamidade nacional. Os diretores da Mobicap, em carta divulgada no Boletim Comercial de 10-6-61, dão um polimento em que retratam muito bem a situação criada no mercado de crédito pela Instrução 204. Dizem:

"É mesmo difícil de compreender que os esclarecidos dirigentes da SUMOC, órgão ao qual justamente compete o controle do mercado de dinheiro, seja o criador de perturbação de tamanha gravidade, quando a sua função precisa evitar tal especulação, controlar o preço exagerado do dinheiro, para que o comércio e a indústria não sejam explorados." O que em seguida escrevem é ainda mais importante, pois torna evidente que a grande vítima é o povo, o consumidor, a quem a indústria e o comércio transferem através do aumento dos preços, a espoliação dos banqueiros usurários. Assim é que afirmam textualmente: "O comércio e a indústria se defendem como podem e em última análise quem paga esses erros é o povo". Claro como água.

A verdade é que o dinheiro está caro, no mercado bancário e a situação decorrente daí é de maior gravidade. Além do prejuízo para o povo, já assinalado, o momento é particularmente difícil para a mídia e a pequena empresa nacional em face às concorrentes estrangeiras, de vez que estas dispõem sempre de recursos muitas vezes maiores do que aquelas. O fato, ao lado de muitos outros que já foram por nós apontados, deixa evidente o caráter antinacional da 204, mostra não terem sido formais os elogios a ela dispensados pelo FMI no momento do seu aparecimento.

Os efeitos desastrosos da Instrução 204 que inicialmente eram sentidos apenas pelos que vivem de salários, começam a atingir a atingir a setores capitalistas e dessa maneira, ampliam-se em grande escala as possibilidades de formar uma poderosa frente de luta contra a política econômica retrógrada do atual governo.

Os efeitos desastrosos da Instrução 204 que inicialmente eram sentidos apenas pelos que vivem de salários, começam a atingir a atingir a setores capitalistas e dessa maneira, ampliam-se em grande escala as possibilidades de formar uma poderosa frente de luta contra a política econômica retrógrada do atual governo.

Os efeitos desastrosos da Instrução 204 que inicialmente eram sentidos apenas pelos que vivem de salários, começam a atingir a atingir a setores capitalistas e dessa maneira, ampliam-se em grande escala as possibilidades de formar uma poderosa frente de luta contra a política econômica retrógrada do atual governo.

Os efeitos desastrosos da Instrução 204 que inicialmente eram sentidos apenas pelos que vivem de salários, começam a atingir a atingir a setores capitalistas e dessa maneira, ampliam-se em grande escala as possibilidades de formar uma poderosa frente de luta contra a política econômica retrógrada do atual governo.

Sobre os Êxitos da Missão Dantas Nos Países do Campo Socialista

Pedro Motta Lima
(Correspondência especial para NR)

PRAGA — Os notáveis êxitos alcançados pela Missão João Dantas nos países do campo socialista (menos a União Soviética e a China) pulverizam os argumentos de ordem econômica esgrimidos contra a libertação e a ampliação de nosso comércio exterior.

Cifravam-se tais argumentos na alegação de que nada teria o Brasil a comprar nem a vender "atrás da cortina de ferro". Povos habituados ao uso do chá e com "reduzida" capacidade aquisitiva — acrescentava-se — não poderiam vir a ser grandes consumidores de café ou qualquer dos produtos que nos interessasse vender-lhes.

A Missão Dantas começou por não encontrar muralhas em seu caminho, e em poucos dias de negociações em cada país assinou acordos de grande vulto. Para uma vigência de cinco anos, estabelecem os seguintes valores, mínimos e máximos: com a Albânia, entre 2 e 20 milhões de dólares; com a Bulgária, entre 100 e 150 milhões; com a Hungria, 200 milhões fixos; com a Rumania, entre 220 e 300 milhões; com a Tchecoslováquia, 300 milhões fixos, e com a Jugoslávia, incluída no mesmo plano, 240 milhões fixos.

Totalizam estes acordos entre um milhão de 1 bilhão e 75 milhões e um máximo de 1 bilhão e 220 milhões de dólares, nos dois sentidos. Ao seguir para a Polónia, o embaixador João Dantas esperava ultrapassar, com o acordo que ali firmaria, o total de um bilhão e meio de dólares. Posteriormente, informações de Berlim não dão a parcela das negociações fechadas com a República Democrática Alemã: 400 milhões de dólares, igualmente nos dois sentidos e por cinco anos.

A missão especial enviada à União Soviética, embora não estivesse, por sua composição, à altura do empreendimento, conseguiu elevar ao dobro os créditos abertos a nosso favor e fechar operações de execução imediata no valor de 40 milhões de dólares. Compraremos à URSS especialmente

petróleo e lhe venderemos café, cacau, laranja e outras frutas. Elevam-se esses negócios, pois, a um total de cerca de dois bilhões de dólares. Note-se que não sabemos a quanto montarão os que a delegação comercial da República Popular da China propõe para o seu mercado de quase 700 milhões de consumidores.

Faremos uma idéia da magnitude desses dados se considerarmos que em 1960 o movimento total do comércio exterior do Brasil foi de cerca de dois e meio bilhões, isto é, 1 bilhão e 265 milhões, valor da exportação, e 1 bilhão e 280 milhões, o da importação.

Convertidos em nossa moeda, no câmbio livre, os dois bilhões de dólares que surgem como comércio com o campo socialista perfazem perto de 600 bilhões de cruzeiros, mais de quatro vezes o nosso inflacionado meio circulante, que é de 141 bilhões e 700 milhões de cruzeiros.

Assim vêm abaixo as falésias a respeito da capacidade aquisitiva, do nível de vida e de gosto dos povos socialmente mais avançados em nossa época. A missão econômica e cultural brasileira faltaria à verdade se escondesse o que encontrou aqui. E o que encontrou foram populações bem vestidas, bem alimentadas, cultas e felizes, no gozo de direitos democráticos a que só o socialismo pode assegurar toda a plenitude. Populações, além disso, entre as quais o uso do café está muito difundido e se torna cada vez mais apreciado, apesar do preço ainda alto. Na medida em que nossos produtos se forem tornando mais acessíveis, subirá aqui o seu consumo.

No Itamarati houve quem pretendesse invalidar o acordo com a República Democrática Alemã, sob o pretexto de que escaparia à área atribuída à Missão Dantas. Outros sabotadores de nossa independência econômica chegam ao deslumbre de sugerir ao Congresso Nacional a não ratificação de

todos aqueles convênios. Trata-se de uma campanha que reflete o despejo de advogados de uma causa perdida.

É preciso, entretanto, que as forças nacionalistas e populares, os patriotas de todas as tendências respondam vigorosamente às manobras destinadas a frustrar estas primeiras e altas conquistas de novos mercados para o Brasil. Os países subdesenvolvidos como o nosso, não devem perder a grande oportunidade que lhes abre a atual correlação de forças no plano internacional.

Conforme assinala a Declaração dos partidos comunistas e operários reunidos em sua Conferência de novembro passado, entramos numa nova etapa histórica: a etapa em que o sistema socialista mundial, e não mais o imperialismo, passa a pensar como fator decisivo nos destinos da humanidade.

Pesando bem os fatos, concluiremos que, além dos benefícios imediatos proporcionados ao Brasil pelo trabalho da Missão Dantas, outros advirão, indiretamente, se levarmos adiante uma política exterior de completa independência. Há visto a pressa com que o governo dos Estados Unidos correu a oferecer-nos créditos de mais de dois bilhões de dólares. Antes a "ajuda" prometida não passava daqueles chorados 800 milhões para toda a América Latina, cabendo 16 milhões à Bolívia, 13 milhões ao Peru, etc. E ainda se diz, de Washington, que desta vez "não haverá qualquer exigência política"... Acredite quem quiser.

E ainda para nós um mau negócio. Primeiro, por tratar-se de mero empréstimo, o que significa, em termos capitalistas, a transferência para mais tarde de algumas das dificuldades presentes, acrescidas de juros e comissões. Depois, e sobretudo, porque mais de dois terços de tais créditos se destinariam ao pagamento, nos Estados Unidos, dos dívidas atrasadas. Serviriam para facilitar, a uma taxa cambial de favor, a sangria das remessas de lucros extraordinários e dos "royalties" cobçados pelos trustes. Restar-nos-ia apenas uma disponibilidade de 700 milhões, altamente onerados com os serviços correspondentes a um empréstimo nominal de 2 bilhões e 300 milhões de dólares.

Os dois tipos de negócio tão diferentes em si mesmos, ilustram bem o panorama da nova etapa histórica em que entramos. Deixam-nos antever, aliás, a solução da disputa e da emulação que se travam, dentro do clima da coexistência pacífica, entre os dois sistemas sociais antagonísticos. Essa solução resultará da própria essência de cada um dos sistemas.

possuem enormes recursos para um intercâmbio em seu particular benefício e ao mesmo tempo em benefício dos povos menos desenvolvidos. Só pedem a estes que progridam e se tornem independentes. Seu crescimento revitalizará o movimento econômico mundial, na base da reciprocidade de interesses. Sua independência, no cenário internacional, contribuirá para o esforço coletivo dos países interessados na salvaguarda da paz, na amizade, na libertação nacional e social, na felicidade, enfim, para os povos do mundo inteiro.

o sistema imperialista não interessa o crescimento das nações subdesenvolvidas. Elas deixarão de ser os seus meros produtores de matérias-primas e os mercados incondicionalmente abertos aos artigos industriais, aos investimentos e empréstimos do capital financeiro, monopolista, e colonialista — empréstimos do tipo do que está propondo ao Brasil o presidente Kennedy. Quanto aos países do sistema socialista mundial,

criadas por Deus", proseguiu o deputado pedecista, lembrando que evidentemente Adão não deixou testamentado algum que pudesse legalizar a posse da terra pelos poucos que dela se beneficiam.

PREFEITO DE BRASÍLIA AFIRMA:

De Cunho Profundamente Cristão a Reforma Agrária de Fidel Castro

S. PAULO (da Sucursal) — "Havana havia sido transformada, sob o regime de Batista, em um night-club dos milionários norte-americanos e só isso seria o suficiente para justificar a revolução de Fidel Castro", afirmou o sr. Paulo de Tarso, um dos líderes do PDC de São Paulo e atual prefeito de Brasília, em conferência pronunciada sábado último no salão nobre da Faculdade Católica de Filosofia, perante numerosa assistência composta principalmente de estudantes e religiosos.

O sr. Paulo de Tarso, que esteve em Cuba junto com o sr. Jânio Quadros, disse também que a reforma agrária processada naquele país é de inspiração profundamente cristã, já que levou a uma redistribuição da propriedade da terra de acordo com a doutrina de Cristo. Essa reforma, segundo ele, foi uma imposição da própria dignidade do povo cubano. Antes, a terra era ali propriedade de meia dúzia de grandes proprietários, muitos deles estrangeiros, interessados apenas em dela retirar grandes lucros, a custa do sofrimento da população; hoje a terra foi colocada a serviço do bem-estar do povo. Ora, proseguiu, Deus dispõe as coisas no mundo de tal forma que a miséria não existe; a miséria surgiu como resultado do mau emprego das coisas por parte de alguns poucos, que quiseram garantir para si próprios o supérfluo. "Só a Humanidade é dona das coisas

se levantam contra o governo de Fidel não o fazem por motivos religiosos, mas sim porque querem defender suas usinas, suas "cabalarias" e o direito de continuar arrancando lucros ali.

CONDENAÇÃO DA ESTRUTURA

Adiante, o prefeito de Brasília afirmou que os cristãos não se podem solidarizar com uma estrutura responsável pelo fato de 2/3 da humanidade deixarem de consumir o número necessário de calorias cada dia; com uma estrutura responsável pelo fato de tanta gente morrer de fome e de frio.

Referindo-se à reforma urbana realizada em Cuba, disse que ela deveria ser copiada, uma vez que abriga o homem e dá a própria natureza da casa, não se justificava, assim, que alguns poucos delas se utilizassem para auferir grandes rendas, enquanto outros não tinham onde morar ou pagavam aluguel exorbitante. Esta reforma afetou, sem dúvida, os interesses particulares de alguns milhares de proprietários, mas atendeu às necessidades de milhões e teve, assim, um caráter profundamente humano e cristão.

No tocante à perspectiva de Cuba, manifestou a esperança de que o governo de Fidel Castro não marche para o comunismo, detenham-se numa forma de socialismo latino-americano. Mas disse também que a maloria absoluta dos que hoje



BRASIL-POLÓNIA

O sr. Eugeniusz Szyr, vice-presidente do Conselho de Ministros da Polónia, recebe em Varsóvia o Embaixador João Dantas, enviado especial do sr. Jânio Quadros, quando da estada da missão brasileira na Polónia.

de impedir a luta e a vitória das forças revolucionárias em Cuba; e que afinal, um cristão não tem o direito de afogar o grito de protesto dos que sofrem com o brandir de armas de guerra...

Berlim: URSS indica caminho para eliminar perigo de guerra

O problema alemão está no centro da guerra fria. A manutenção do atual estado de coisas apenas serviria para perpetuar o clima de tensão internacional e a própria guerra fria. A partir dessas considerações, formuladas por Khrushchov no discurso em que informou aos povos da União Soviética sobre os resultados da conferência que manteve em Viena com o presidente Kennedy, o governo soviético apresentou aos países ocidentais uma proposta para resolvê-lo antes do fim do ano.

A URSS sugere a realização de uma conferência entre os representantes dos dois Estados alemães, para discutir os princípios de uma futura reunificação levando em conta a realidade das duas Alemanha, e um acordo geral entre os países signatários do Acordo de Potsdam para a assinatura do Tratado de Paz com a Alemanha. Tendo em vista a delicadeza da questão de Berlim, os soviéticos propuseram também a transformação da parte ocidental da antiga capital em cidade livre, neutralizada, após a retirada dos contingentes militares dos países ocupantes.

Quando se retiravam, alguns líderes estudantis comentavam que nenhum tipo de mobilização do exército de Batista fora capaz de impedir a luta e a vitória das forças revolucionárias em Cuba; e que afinal, um cristão não tem o direito de afogar o grito de protesto dos que sofrem com o brandir de armas de guerra...

POSIÇÃO JUSTA

Como bem acentua Khrushchov em seu discurso, a URSS objetiva fundamentalmente, com as suas propostas, eliminar o mais perigoso foco da guerra fria e normalizar, de acordo com a nova situação criada na Alemanha após o fim da última guerra, a situação na Alemanha. Entretanto, o centro da preocupação localizada dentro do território da República Democrática Alemã, motivo permanente de crises e tensões, além de mais a política realizada na antiga capital alemã pelos ocidentais viola frontalmente os direitos da RDA, que ainda não foi reconhecida pelos EUA, França e Inglaterra.

PROBLEMA QUE SE ARRASTA

O interesse da União Soviética em solucionar a questão alemã não é novo. As respostas sobre o assunto, agora reformuladas, foram feitas em 1958 e a classe dos governos das potências ocidentais responderam com a provocação. A política de alimentação da guerra fria, da qual Berlim constitui um dos centros, orienta o imperialismo na discussão do problema. Interessados em manter um clima de tensão na Europa, para justificar o fortalecimento intensivo da Alemanha Ocidental em nós fortemente armado, os Estados Unidos mantêm uma política intransigente no que se refere ao problema alemão, procurando com isso fortalecer as posições dos militaristas da Alemanha Ocidental e seus interesses reacionários. Os ocidentais, mais particularmente os Estados Unidos, realizam a sua política alemã de acordo com Adenauer e sob a sua orientação, tendo em vista objetivos mais altos, tais como a reinstituição da República Democrática Alemã, ou o reconhecimento implícito do Acordo de Potsdam sobre um Estado alemão sóbrio e neutro e sobre as fronteiras da Alemanha.

Essa política, entretanto, encontra resistências em setores cada vez mais amplos dos países ocidentais que compreendem a questão da posição soviética e a necessidade de se eliminar o mais perigoso foco de tensão internacional: Berlim. Nos países europeus, principalmente, a compreensão de que a intransigência dos Estados Unidos em relação ao problema de Berlim e o apoio aberto às posições reacionárias de Adenauer fortalece a política agressiva do imperialismo alemão, provoca sérias preocupações e as manifestações que se acentuam cada vez mais, não sendo poucas, na França e na Inglaterra, os partidários de uma solução de compromisso que implique no abandono de Berlim pelas tropas das potências ocidentais e no reconhecimento da Alemanha Democrática.

Governo de Kennedy Faz Voltar Maccarthismo Investindo Contra o Partido Comunista

Quebrando com disposições constitucionais, ameaçando as mais elementares liberdades dos cidadãos, inclusive o direito de pensar livremente, a Corte Suprema dos Estados Unidos ameaça de fazer o país voltar aos mais obscuros tempos do hediondo maccarthismo ratificando duas leis que cerceiam mais ainda as já limitadas atividades dos comunistas norte-americanos.

LIBERDADE QUE É UM MITO

"Toda vez em que uma forma de governo, qualquer que seja, começa a cercar os direitos indispensáveis da vida, da liberdade, da busca da felicidade a todos os homens pelo Criador, é direito do povo modificar, abolir ou substituir esse governo". Estas palavras, enunciadas por Thomas Jefferson na célebre "Declaração da Independência", são hoje esquecidas e subvertidas pelos representantes dos grandes monopólios que dirigem a vida do povo norte-americano. Aquêles ideais de liberdade transformaram-se em um saudoso mito, apenas lembrado pela estúpida francesa que vigia o porto de Nova Iorque.

A Corte Suprema, reunida na primeira quinzena deste mês, resolveu emitir parecer sobre algumas cláusulas de duas leis anticomunistas: a Lei Smith (Lei de Registro Estrangeiro) e a Lei McCarran (Lei de Segurança Interna). Ambas as leis, surgidas em períodos que se ressaltam pelo ranço da história anticomunista, tiveram algumas de suas principais disposições ratificadas pela Corte Suprema dos Estados Unidos, com a decisão apertada de 5 votos contra 4. A primeira decisão da Corte determina que o Partido

Comunista dos Estados Unidos faça o seu registro perante o Procurador-Geral, fornecendo-lhe uma lista completa de todos os seus membros e dirigentes, bem como as fontes de suas rendas e a sua aplicação. Além disso, ratifica a opinião de que o Partido Comunista é uma associação política "controlada do estrangeiro" e que se deve registrar como agrupamento de "ação comunista".

Com o registro do Partido nessas condições, não terá ele a isenção de impostos, será obrigado a marcar sua correspondência com a tarja de "comunista" e seus membros estarão proibidos de obter passaportes, sendo considerado crime o ocuparem cargos públicos.

No caso de o Partido não realizar seu registro, os membros serão obrigados a fazê-lo, individualmente, sob ameaça de estarem sujeitos a uma multa de dez mil dólares ou cinco anos de prisão, ou ambos, por cada dia que ultrapasse o limite de 9 de agosto próximo. Com o seu registro feito, compulsoriamente ou por vontade própria, o membro do Partido se autodenunciará como alguém que "pretende modificar pela força e a violência o governo dos EUA", enquadrando-se assim na Lei Smith, podendo sofrer penas severas. Cabe ressaltar que as sanções impostas sobre o Partido Comunista, consideradas inconstitucionais, não foram julgadas pela maioria que as aprovou e que deliberou deixar para "mais tarde" a sua apreciação quanto aos seus aspectos constitucionais. UM MOMENTO FUNESTO O juiz Hugo Black, que participou do grupo de 4 que votaram contra as re-

feridas cláusulas, expressou de a seguinte forma a respeito da decisão da Corte Suprema: "A primeira banção de uma agremiação porque ela advoga idéias que nós rejeitamos — quer essa agremiação seja ou não um partido político — marca um momento funesto na história de um país livre. Parece que tal momento chegou para este país".

Comentando a decisão, que se deve principalmente às atividades do juiz Félix Frankfurter, anticomunista histórico e racista notório, disse Gus Hall, primeiro-secretário do PC norte-americano: "Sob a alegação de anticomunismo, a Corte Suprema abriu a porta para a acusação de comunistas e não comunistas que se encontram lutando em defesa das liberdades democráticas, dos direitos dos negros e dos trabalhadores, e da causa da paz".

O inquisitorial juiz Félix Frankfurter, há alguns anos atrás, mandou para a cadeia elétrica o negro Edward Honeycutt, acusado de ter violentado "à distância" uma branca. Foi também um dos principais responsáveis pela condenação de onze dirigentes comunistas em 1951.

A CONSTITUIÇÃO VIOLADA

Diante das exigências que agora se apresentam para os comunistas, o juiz William O. Douglas, da minoria que na Corte votou contra, afirmou que a Quinta Emenda da Constituição protege o Partido de revelar os nomes de seus membros. Disse ainda que não existem acusações de "antimercantilismo" declarado no sentido de força ou pela violência". E

presententou: "O que se está julgando nada mais é do que ideologias. São 'impopulares e para a maioria de nós revoltantes. Mas não passam de idéias, dogmas ou crenças, segundo a ampla estrutura da primeira 'menção constitucional'".

Para corroborar os aspectos atentatórios às liberdades constitucionais, de que se impregnaram os vários dispositivos que a clique reacionária americana tem feito cair sobre o PCEUA, nada melhor do que a própria declaração do próprio Félix Frankfurter de que a Corte Suprema deve apoiar os atos válidos do Congresso e de outros órgãos governamentais, mesmo quando os juizes, pessoalmente, politicamente ou filosoficamente deles discordem.

UNÍO CONTRA A ILEGALIDADE MACCARTHISTA

Os povos progressistas do mundo inteiro manifestam seu repúdio a mais essa atitude de intolerância e de restrição das liberdades democráticas aplicadas pelo governo norte-americano. Deve ser assegurado ao PCEUA o livre direito a reunir-se e organizar-se sem restrições de qualquer espécie, direito que lhe é historicamente justificado como único partido representante da classe operária norte-americana. Ao mesmo tempo, devem ser postos em liberdade os diversos líderes comunistas que se encontram presos nos cárceres norte-americanos, e que sempre deram provas de empenho em retirar seu país do caminho da loucura da corrida armamentista e do jugo dos grandes monopólios.

LIVROS SOBRE CUBA
Que Você pode adquirir pelo REEMBOLSO POSTAL na
Livraria das Bandeiras
Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 — S. PAULO

CUBA: A Revolução na América de Almir Matos	200,00
A Verdade Sobre Cuba de C. Wright Mills	300,00
26 Julho Cuba Anatomia de Uma Revolução de Paul M. Sweezy e Leo Huberman	250,00
Sierra Maestra -- A Revolução de Fidel Castro de Armando Gimenez (2ª edição)	210,00
Cuba Con Toda la Barba de Alfredo Varela	480,00

Peça-os hoje mesmo pelo Reembolso Postal — Atendemos prontamente

A Conquista do Espaço Cósmico
Como foi preparado? Foguetes, sputniks, nave, quadripedes fizeram a exploração?
Como decorreu o vôo do primeiro cosmonauta?
O que esta façanha trouxe para a ciência?
O que se passará amanhã? Onde se irá amanhã?
Estas e numerosas outras perguntas, igualmente sensacionais, encontrarão resposta nas revistas:

UNION SOVIETICA n° 136
CULTURA Y VIDA n° 6

Todos poderão recebê-las, em qualquer cidade do Brasil, pelo Reembolso Postal.
Aos Municípios que desejam organizar a difusão desta revista, oferecemos desconto especial, para encomendas acima de 10 exemplares!

Dirijam-se, hoje mesmo, a:
Agência Intercâmbio Cultural
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
Telefone: 37-4983 — São Paulo.

Iuri Gagarin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

Naquele mesmo dia em que me alistaram, simples e...
aviador militar, ser o primeiro no mundo a voar ao cosmo a bordo da sonda-satélite "Vostok", criada por nossos sábios, operários e engenheiros, logo que aterrissar, um correspondente de "Pravda" pediu-me para contar uma história do jornal sobre a minha vida, o meu espaço cosmo e informar sobre os planos de minhas futuras atividades. E com satisfação que atendi a este pedido da redação de "Pravda".

1. SMOLENSCHINA, MINHA TERRA NATAL

A FAMILIA em que nasci é uma família das mais comuns, em nada se distinguindo de milhões de outras famílias trabalhadoras de nossa Pátria socialista. Meus pais são russos simples, aos quais a grande Revolução Socialista de Outubro desenvolveu, como a todo o nosso povo, um caminho largo e reto na vida.

Meu pai, Aleksei Ivánovitch Gagarin, é filho de um camponês pobre de Smolensk. A única instrução que teve foi um curso de duas classes numa escola paroquial da igreja. Mas, homem curioso, muito aprendeu através do autodidatismo, e em nossa aldeia, próximo de Gjatsk, tornou-se mestre em tudo. Desempenhava qualquer trabalho na economia camponesa, mas particularmente como carpinteiro. Ainda hoje recordo a espuma amarelada do serrão das tábuas, como se as lavassem suas grandes mãos de operário, e pelo odor ainda posso distinguir as qualidades de madeiras: o cedro adoçado, o carvalho meio acre, o pinho travoso, dos quais meu pai criava objetos úteis à gente.

Em resumo, diante de uma árvore sinto o mesmo respeito como diante do metal. Sobre o metal quem me falava muito era minha mãe, Ana Timoféevna. Seu pai e meu avô, Timofei Matveev, trabalhava co-

mo serralheiro na fábrica Putilov, em Petrogrado. Frio que contava minha mãe, era ele um homem sério, conhecedor de seu ofício, operário altamente qualificado, daqueles que sabiam de um pedaço de ferro forjar uma flor. Não cheguei a conhecer meu avô Timofei, pois ele morreu tragicamente na fábrica, durante um acidente, mas em nossa família conservou-se a sua memória entre os revolucionários tradicionais da fábrica Putilov.

Minha mãe, da mesma forma que meu pai, não pôde receber instrução em sua juventude. Mas lia muito e tem bastante conhecimentos. Podia responder certo a qualquer pergunta dos filhos. Eramos quatro: o mais velho, Valentim, nascido no ano da morte de Lênin, minha irmã Zola, três anos mais nova e, finalmente, eu e meu irmão menor, Boris.

Eu nasci a 9 de março de 1931. Meus pais trabalhavam na cooperativa agrícola — o coléus —, meu pai como carpinteiro e minha mãe como ordenhadora. Por seu bom trabalho, ela foi escolhida para dirigir a granja leiteira do coléus, onde trabalhava desde manhãzinha até tarde da noite. Estava sempre fazendo alguma coisa: cuidando das vacas paridas, preocupando-se com os bezerrinhos ou, ainda, com as rações.

Nossa aldeia era bonita. No verão, tudo verde, no inverno tudo coberto de neve. Nosso coléus era bom, vivia-se confortavelmente. Nossa casa era a segunda à entrada da aldeia, pela estrada de Gjatsk. Num pequeno quintal cresciam macieiras, ameixeiras, groselheiras. Além da casa ficava um prado florido onde a meninada jogava bola e escondia-se. Lembro-me como se fosse hoje quando tinha três anos. Minha irmã Zola levou-me à festa de 1º de Maio na escola. E em cima de uma cadeira recitei os versos:

O gato na janela
sorri um pouquinho...

Os alunos aplaudiram e eu fiquei muito orgulhoso: foram os primeiros aplausos que recebi na vida.

Tenho boa memória. E lembro-me de muita coisa. Certa vez, subindo às escondidas à cumieira da casa, tive diante de mim os campos do coléus, limitados, como o mar, e um vento morno soprava levantando ondas douradas sobre o cenário. Erguia a cabeça, e o azul do céu parecia mais puro... Era como se eu estivesse submerso nesse deslumbramento e navegasse para o horizonte, onde se encontravam a terra e o céu. E que florestas de betulas e que pomares! E o riozinho onde iam tomar banho e pescar! Se arrotava irmos à granja, onde estava minha mãe, ela dava a cada um de nós um copo de leite cheiroso e um pedaço de pão de centeio fresquinho. Como era gostoso!

Mamãe costumava olhar-nos, a nós e aos filhos dos vizinhos, e dizer:

— Vocês têm uma infância feliz, meninos terríveis, e não como foi a nossa.

E ficava pensativa e triste. Seu rosto era belo como um quadro. Amo profundamente minha mãe, e tudo o que conseguí devo-o a ela.

Tenho um tio paterno, Pavel Ivánovitch. Trabalhava ele como praticante veterinário. Gostávamos imensamente quando tio Pacha vinha à nossa casa e ficava para dormir. Deitava-se ao nosso lado, no alpendre, juntamente com as crianças, e ficávamos a conversar. Deixávamos também, de olhos para o céu, bem abertos, olhando as constelações, cada qual mais bonita. Valentim, meu irmão maior, perguntava sem cessar:

— E lá vive gente?

Pacha sorria e respondia pensativo:

— Quem sabe... Mas eu penso que existe vida nas estrelas... Não pode ser que de milhões de planetas tenha cabido a sorte somente à Terra...

Eu ansiava em ir para a escola. Queria, como o meu irmão e minha irmã, preparar as lições à tarde, ter a minha pasta, minha pedra litográfica, meus cadernos. Era comum, juntamente com meninos da minha idade, olhar pela janela da escola, observar como os alunos formavam palavras com as letras, escreviam as cifras. Como toda criança, desejava muitíssimo crescer rapidamente. Quando completei sete anos, meu pai me disse:

— Bem, lura, neste outono irás para a escola...

Em nossa família a autoridade do pai era incontestável. Rigoroso, mas justo, ele dava a todos nós as primeiras lições de disciplina, de respeito para com os mais velhos, de amor ao trabalho. Jamais ele usava de ameaças, de injúrias, de açoites, nem elogiava ou acariciava sem oportunidade. Ele não nos mimava, mas era atento aos nossos desejos. Os vizinhos gostavam dele e o respeitavam: na direção do coléus, levavam em conta suas opiniões. Toda a vida de meu pai estava ligada à cooperativa agrícola. O coléus era para ele uma segunda casa. Ele era inválido, tinha uma perna defeituosa e por isso não combateu na guerra civil.

Certa vez, num domingo, meu pai chegou do Soviete da aldeia. Jamais o tínhamos visto tão inquieto e perturbado. Pronunciou uma única palavra:

— Guerra!

Minha mãe, como se tivesse sido empurrada, apoucou-se na cômoda, cerrou o sobrecenho e começou a chorar em silêncio. De repente, tudo ficou turvado. O horizonte cobria-se de nuvens. O vento acotava a poeira pela rua da aldeia. Não se ouvia mais as canções aldeãs. E nós, meninos, abandonamos os nossos brinquedos. Naquele mesmo dia saíram da aldeia em direção à Gjatsk, em carretas e caminhões do coléus, os recrutas com suas malas de madeira. To-



nossas tropas, falava ansioso sobre os guerrilheiros, inquietava-se por Valentim e Zola, que já estavam quase na idade adulta, pois nas aldeias vizinhas os alemães capturavam os jovens à força.

Nem rádio, nem jornais, nem cartas — nenhuma notícia sobre o que se fazia na Rússia chegava à nossa aldeia. Mas logo sentimos que algo acontecia: os alemães estavam sendo fortemente castigados. Através da aldeia passavam soldados hitleristas feridos e congelados. E dia a dia seu número crescia. Lembro-me como uma noite meu pai diviso um clarão, ergueu-se do abrigo, saiu e, voltando, disse à minha mãe:

— Estão atirando...

— Talvez os guerrilheiros — sugeriu a mãe.

— Não, são tropas regulares. Por toda parte o céu atira...

Desde manhãzinha, atravessava a aldeia uma torrente de barulhentos veículos alemães, com soldados, tanques e canhões. Já não era aquele exército que havia bem pouco tinha, passando em direção ao oriente. Como depois víamos a saber, diante de nós retrocediam os restos das tropas SS derrotadas junto a Moscou. Todos os nossos aldeões aguardavam a hora da libertação. Mas os fascistas conseguiram manter-se na linha defensiva, e nossa aldeia ficava em sua retaguarda próxima.

Nossa casa abrigava agora um chefe fascista da Bavária. Parece que se chamava Albert. Ocupava-se de carregar acumuladores para os veículos e não suportava crianças. Lembro-me que certa vez meu irmãozinho Boris entrou por curiosidade em seu escritório, e ele o agarrou pela écharpe, amarrando-a em torno do pescoço e o atou a um galho de macieira, como se fosse um pótro. Minha mãe, naturalmente, lançou-se para Boris, mas o bávaro não o largava. Que devia eu fazer? Tinha pena de meu ir-

mão e de minha mãe. Queria chamar alguém, mas não podia, faltava-me a respiração. Fosse eu crescido, e mostraria a esse infame fascista...

Felizmente, um chefe qualquer chamou o bávaro, e eu e minha mãe salvamos o nosso Boris. Levámo-lo ao nosso subterrâneo e lá ele recobrou os sentidos.

Imitando os adultos, nós, meninos, silenciosamente, atormentávamos os alemães de todas as formas possíveis. Espalhávamos pelas estradas pregos pontudos e cacos de vidro, que perfuravam os pneus dos veículos alemães. Quanto a Albert, que se apoderara de nossa casa, colocávamos lixo e trapos nos tubos de escape de seus motores. A mim ele não suportava e durante alguns dias não me deixou passar para o meu abrigo subterrâneo. Tive que pernoitar com os vizinhos, e entre eles, em suas conversas, só se falava em como atormentar os fascistas.

Embora lentamente, a frente de batalha se aproximava da aldeia. Até mesmo nós, meninos, compreendíamos pelo crescente ruído dos tiros da artilharia. Em pouco, a linha de frente estava bem próxima, ao todo uns oito quilômetros de nossa casa. A aldeia vivia aterrorizada pelas tropas alemães. Por sua vez, os nossos atiravam de canhões e bombardeavam com aviões. Os fascistas eram particularmente atormentados por nossos "noturnos" — "PO-2". Chilreavam durante toda a noite como grilos e lhes mandávamos "presentes" sobre "presentes". Assim vivíamos nós entre o fogo e a fumaça. Dia e noite, alguma coisa se incendiava nas proximidades.

Nada se passava sem que nossos olhos atentos o vissem. Nós, meninos, tudo víamos, tudo perquiríamos. Recordo que, certa vez, sobrevoaram a aldeia seis de nossos aviões. Depois, escutamos o estorroadas das bombas. Olhamos, e eles voltavam. Mas faltava um. Era um seis e regressavam apenas cinco. E então eu só sabia contar até dez. A contagem não terminava ainda e compreendia que faltava um. Restava

tais papéis eles castigavam severamente. Escondi-os no peito e corri para o abrigo. Lá estava Zola. Ela leu e riu exultante:

— Iurka, veja, que grande vitória tivemos!

No folheto, se falava da derrota dos hitleristas em Stalingrado. A nossa alegria foi sem fim. Em todos os abrigos só se falava na derrota dos fascistas.

Ele logo trouxe o canhoneio em nossa linha de frente. Iniciara-se a ofensiva das tropas soviéticas. No mesmo instante, os SS agarraram Valentim e Zola e, em coluna, juntamente com outras moças e rapazes, enviaram-nos para o Ocidente, para a Alemanha. Minha mãe, como outras mulheres, correu por muito tempo atrás da coluna, torcendo as mãos, mas eles as afastavam com seus fuzis, e aqualavam sobre elas os seus cães.

Ficamos mergulhados em profunda tristeza. Não somente nós, pois toda a aldeia chorava. De cada família os fascistas tinham levado alguém à força.

Mas a amargura não pôde ser infinda e chegou a alegria, e quanta alegria! A meia-noite, divisamos de nosso abrigo subterrâneo dois homens de blusões brancos, com os gorros de pele descidos sobre as orelhas, munidos de armas automáticas. Ofereceram cartas a meu pai e começaram a fazer perguntas. Efectuavam um reconhecimento, o primeiro desde o início da guerra. Nada tínhamos o que comer, mas minha mãe se esforçava por lhes arranjar algum alimento.

Os reconhecedores saíram tão silenciosamente como tinham chegado. Literalmente como num sonho. Ao despertar, eu mesmo perguntei sobre eles a meu pai. Mas ele me olhou com naturalidade, sorriu e disse:

— A mim, também, me parece um sonho...

Durante o dia os alemães abandonaram nossa aldeia. Meu pai seguiu ao encontro das nossas tro-

pas e lhes mostrou onde os fascistas tinham minado a estrada. Durante toda a noite ele espantara sorrateiramente a atividade das tropas SS germânicas. Nosso coronel, que trazia à cabeça um alto gorro de astraca e no dólma ombreiras verdes, expressou agradecimento a meu pai e o cumprimentou como a um soldado.

Meu pai seguiu com o exército e ficamos nós três: mamãe, eu e Boris. Todas as mulheres e os adolescentes foram enviados à cooperativa agrícola. Depois de um intervalo de dois anos eu voltava a escola. Em nossa quarta classe ensinava uma professora que se chamava Ksenia Guerássimova Filipova. Estudávamos simultaneamente na mesma sala a primeira e a terceira classes. Quando terminavam eram substituídas pela segunda e quarta classes. Não havia nem tinta, nem lapis, nem cadernos. Tínhamos o quadro negro, mas faltava giz. Aprendíamos a escrever sobre jornais velhos. Todos nós alegrávamos quando conseguíamos papel de embrulho ou algum pedaço de papel de forrar parede. Fazíamos as contas de aritmética com paizinhos ou cartuchos vazios de bala. Nossos bolsos estavam cheios deles.

Por muito tempo não tivemos qualquer notícia de nosso irmão mais velho e de nossa irmã. Mas vizinhos que tinham sido capturados e conseguiram fugir e regressar à aldeia nos diziam que Valentim e Zola também tinham escapado dos fascistas e passaram a servir no Exército Soviético. Em breve chegávamos uma carta com selos do correio rural e eu tentei adivinhar dizendo à minha mãe que a carta seria de Zola. Era realmente dela. Dizia-nos que estava servindo como veterinário numa unidade de cavalaria. Mais tarde, veio uma carta de Valentim. Era tanquista e combatia contra os fascistas. Fiquei contentíssimo por saber que viviam meu irmão e minha irmã, e me alegrei mais ainda por estarem eles lutando contra os hitleristas, dos quais nós apenas acobávamos de livrar-nos.

pensar: onde teria ficado. Mas eis que regressa. Está se incendiando, mas vou sobre a rua, regressa as tropas e atira com todos os canhões. Fascistas, aonde vos dirigis? Barulho. Gritos. Pânico.

Procurávamos adivinhar: sobrevoar os seus ou não? O avião retoma o assalto. Agora já lança bombas. E os alemães se meteram entre os aldeões.

— E' tal qual Gastello! E' como Gastello! — gritávamos nós.

E o avião e o piloto se incendiaram. Assim, na aldeia ninguém sabia quem seria ele, a que família pertencia. Mas cada um sabia: é um autêntico cidadão soviético. Atacou o inimigo até o último alento. Durante todo o dia, a meninada só falava no herói anônimo. Ninguém o disse, mas cada um desejava viver e morrer por sua Pátria.

"Quem vingaria a morte do herói?" — pensávamos. — "Quem dirá a seus camaradas que ele morreu?"

Logo víamos a saber que o avião fora atingido por uma guarnição alemã que ocupava uma colina atrás da aldeia. A represália veio no dia seguinte. Pela manhã, uma esquadrilha de cinco aviões — que só hoje sei eram bombardeiros "IL" — e varreu literalmente a bateria alemã e sua guarnição. Não sobrou um só fascista. Foi magnífico!

Aquela época nossa aldeia ficou isolada do mundo. Ninguém sabia o que se passava na frente de batalha. Mas certa vez passou um avião e lançou um pacote de folhetos. E as folhas soltas, como pombos brancos, giraram demoradamente no céu e, por fim, caíram nos arredores, sobre o campo coberto de neve. Apanhei uma delas, olhei-a detidamente, vi um desenho: um montão de caveiras e sobre elas um corvo com a carantinha de Hitler. As letras eram russas, mas eu ainda não podia lê-las. Percebi, num relance, que os fascistas não estavam perto, pois por

as mãos, diziam que havia custado caro aos alemães a avaria do LAGG. Desabotoavam suas blusas de couro e em suas camisas luziam condecorações. Foram as primeiras ordens que eu vi. E nós, meninos, compreendemos então quanto custam as condecorações militares.

Todos na aldeia queriam que os aviadores fossem pernoitar precisamente em sua casa. Mas eles passaram a noite a bordo de seu IAK. Nós também não dormimos e, expondo-nos ao frio, permanecemos junto a eles até o amanhecer. No dia seguinte os aviadores voaram, deixando-nos agradáveis recordações. Cada um de nós desejava voar, ser assim bravos e belos como eles. Sentíamos algo estranho, uma sensação desconhecida.

Os acontecimentos desenrolaram-se rapidamente. Através da aldeia chegavam precipitadamente colunas de caminhões, passavam feridos. Não era admitível demora. O primeiro a sair com o rebanão do coléus foi tio Pacha. Meu pai e minha mãe não conseguiram preparar-se para a viagem. E trouxeram os canhões, da artilharia, e eu colaborei com o início dos incêndios, e a aldeia foi inesperadamente envolvida pelos motociclistas alemães. E ardeu incruel confusão. Iniciaram-se as buscas: os fascistas procuravam todos os guerrilheiros e meteram em suas mochilas todas as boas coisas que encontraram, desde a roupa até o sapato.

Expulsaram nossa família de casa e esta foi ocupada pelo soldado alemão. Tratamos de encontrar abrigos em terra e neles nos metemos. Horrificos eram as noites, quando no céu trovavam os motores dos aviões dos fascistas alemães que passavam no rumo de Moscou. Meu pai e minha mãe tinham os rostos sombrios. Preocupava-os não somente a sorte da família, como a do coléus, a de todo o nosso povo. Meu pai não dormia à noite, prescreitava tudo, se não trovavam os canhões soviéticos, se não chegavam



Embora o livro contivesse muita coisa incompreensível, agradável à meninada, pois exigia de cada um ordem e disciplina.

Todos animados pelo fim da guerra. E eis que um dia chega minha mãe da sede do Soviete Rural, cheirando à terra lavrada, e me diz ao beijá-la:

— Hitler levou o diabo, nossas tropas tomaram Berlim.

Eu corri para a rua e imediatamente vi que o tempo estava uma beleza, a primavera à porta, floresciam os pomares, sobre minha cabeça um céu extremamente azul e cantavam os pássaros. Invadido-me um desconhecido sentimento de alegria e os pensamentos me faziam girar a cabeça. Podia aguardar o breve regresso de minha irmã e de meu irmão. Iniciou-se então uma nova vida, por nada turvada, plena de luz solar. Desde a infância eu amo o sol!

Terminara a guerra, meu pai ficara em Gjatsk, trabalhando na reconstrução da cidade. Para lá ele transferiu nossa velha casinha da aldeia. Passamos a viver em Gjatsk, na Rua Leningrado. Minha escola agora era outra. Fui admitido na terceira classe da escola básica de Gjatsk, no curso pedagógico, onde se preparavam os jovens das classes iniciais. Os futuros pedagogos faziam curso prático em nossa escola de quatro classes.

Tínhamos como professora uma jovemzinha chamada Nina Vassilievna Lébedeva. Culta e atenciosa, ela se preocupava por todos. Ensinava todas as disciplinas. Em sua opinião, eu era um bom aluno. Nina Vassilievna falava-nos freqüentemente sobre Lênin e nós mostrava um livro onde estavam impressas as notas obtidas no estudo pelo ginasiano Volodia Ulianov (*) e onde a nota máxima — o 5 — não dava lugar a outra. (Continua no próximo número)

(*) Volodia, diminutivo de Vladimir, o nome de Lênin; Vladimir Ilitch Ilíichov (N. do T.)